

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
BACHARELADO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES**

Um Fenômeno de Mídia:  
a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia

Niterói  
2018

**BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES**

Um Fenômeno de Mídia:  
a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito parcial para fins de  
obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga

Niterói

2018

## Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

G633f Gomes, Beatriz Coelho  
Um Fenômeno de Mídia: A trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia / Beatriz Coelho Gomes ; Felipe Berocan Veiga, orientador. Niterói, 2018.  
84 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais (Bacharelado/Licenciatura))-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

1. Relação-ator-personagem-público. 2. Mídias sociais. 3. Fama. 4. ídolo-fã. 5. Produção intelectual. I. Título II. Veiga, Felipe Berocan, orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais.

CDD -

BEATRIZ FERNANDES COELHO GOMES

Um Fenômeno de Mídia:  
a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal  
Fluminense, como requisito parcial para fins de  
obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga (Orientador)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva  
(Membro Titular Interno)  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shirley Torquato Alves  
(Membro Titular Externo)  
Escola Superior de Propaganda e Marketing

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia ao meu amigo e ator, Paulo Gustavo que, através de sua fina capacidade de observação e de seu apurado senso de humor, levanta discussões e reflexões importantes em nossa sociedade e modifica a vida de muitos que o admiram e o acompanham.

## RESUMO

No presente trabalho, discutirei o fenômeno de mídia Paulo Gustavo a partir de sua personagem “Dona Herminia”. O foco deste estudo é analisar o conteúdo das mensagens enviadas por e-mail ao ator, onde os fãs relatam problemas de ordem pessoal e privada, sob o ponto de vista emocional, psicológico e clínico. Na conclusão de seus relatos, os autores narram uma história de superação cuja atribuição é conferida ao ator Paulo Gustavo. Para este empreendimento, foi necessário fazer uma análise da trajetória do ator, entender seu percurso como indivíduo e de sua carreira para, a partir disso, compreender o processo da construção da fama do artista, tal como da relação fã-ídolo advinda deste fenômeno.

**Palavras-chave:** relação-ator-personagem-público; mídias sociais; fama; ídolo-fã.

## ABSTRACT

In this work I'll discuss the phenomenon of media represented by the actor Paulo Gustavo, taking as starting point his role as "Dona Hermínia". The focus of this study is to analyse the content of the messages sent by e-mail to the actor, wherein the fans relate problems of personal and private character, from an emotional, psychological and clinical point of view. In the conclusion of their narratives the authors tell about their stories of overcoming that are, for them, due to the actor Paulo Gustavo. For this enterprise it was necessary to analyse the trajectory of the actor, to understand his evolution as an individual and as a professional actor and, from this point, to understand the process of construction of his fame as an artist, as well as the relationship fan/idol that came from this phenomenon.

**Key-words:** relation actor-character-public; social midias; fame; idol-fans.

## AGRADECIMENTOS

Começo meus agradecimentos pela Universidade Federal Fluminense pelos excelentes anos de estudos oferecidos. Cursar a UFF era um desejo antigo que, enfim, se realizou. Na instituição tive uma experiência de vida imensurável e que me modificou para sempre.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Felipe Berocan Veiga, os meus mais sinceros agradecimentos por ter aceitado o convite de me orientar e ter me proporcionado importantes trocas em nossas conversas. Desde o primeiro momento me acolheu com muita propriedade, me passando segurança e confiança. Gesto esse pelo qual sou muito grata e que ficará para sempre guardado. Tive o prazer de ser sua aluna em um curso oferecido para a pós-graduação, no qual gentilmente me aceitou como aluna. Nessa oportunidade tive a importante experiência de me situar em um novo lugar, o que promove mudanças de perspectivas e consequentemente de reflexões. O curso era conjuntamente ministrado com o Prof. Dr. Marco Antônio da Silva Mello e as aulas oferecidas por eles eram a oportunidade de ser ouvinte de relatos e histórias de experiências de campo e etnográficas de reconhecidos pesquisadores antropólogos, que produziram estudos importantes para a antropologia e as ciências sociais como um todo. Muitos desses estudos, inclusive, renderam publicações que são conhecidas e reconhecidas como clássicos das disciplinas, figurando no hall das literaturas acadêmicas imprescindíveis de antropólogos e cientistas sociais. Foi neste curso que li a tese de doutorado do Professor Felipe Berocan, sobre a Gafieira Estudantina: “O Ambiente Exige Respeito: Etnografia Urbana E Memória Social da Gafieira Estudantina”. Conforme lhe falei na ocasião, o que era um “dever” do curso, acabou por ser tornar um grande prazer. Através de sua pesquisa pude mergulhar na história da música popular brasileira e da dança de salão.

Agradeço aos pareceristas, Prof. Dr. Edilson Márcio Almeida da Silva e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Shirley Torquato Alves. Meu muito obrigado por aceitarem dedicarem parte de seu tempo à leitura desta monografia e tendo a certeza de que será feita de forma atenta e precisa.

Agradeço a coordenadora do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata De Sá Gonçalves, pela disciplina na qual fui sua aluna, Antropologia V, onde tive a oportunidade de ter importantes trocas e grandes aprendizados.

Agradeço a todos os professores com os quais tive aulas ao longo do meu curso. Todos exerceram papel importante em minha formação e por isso sou muito grata.



É necessário fazer um agradecimento especial ao Prof. Dr. Maurício Mello Vieira Martins, uma autoridade nos estudos de Karl Marx do país. Professor brilhante. Tive a imensa honra de ser sua aluna em três disciplinas e foi com ele que tive a minha primeira troca acadêmica sobre os meus interesses de estudos nas áreas de comunicação e mídia. Lembro-me de uma conversa que tivemos nos corredores da universidade, na qual falei de minha experiência no curso de jornalismo e de meus desapontamentos pela estrutura de formação oferecida pelo curso em questão. Foi quando ele me devolveu de que eu não deveria encarar dessa forma, dizendo que mesmo havendo críticas e falhas, devemos sempre incorporar nossas experiências como bagagem de nossa formação. Em algum momento de nossas vidas, elas terão sempre algum proveito. O Professor Maurício foi extremamente sensível e generoso em me oferecer esta reflexão, tornando-se ela um modelo para outras tantas situações da minha vida.

Ao meu querido amigo, Paulo Gustavo, meus enormes agradecimentos. Esta pesquisa só foi possível por ele ser exatamente quem é: uma pessoa de fina sensibilidade e capacidade de observação, que capta sentimentos e ideias que estão no ar, metaboliza-as e as coloca para fora através de seu humor, de suas tiradas e sacadas. O humor do Paulo encontra tamanho alcance e ressonância porque nele tem incutido reflexões e problematizações acerca das relações humanas e sociais de nossa cultura e sociedade.

Paulo Gustavo é um acontecimento, ninguém passa por ele incólume. Conhecemo-nos entre 2001 e 2002, pouco antes dele entrar na CAL. Nossa afinidade foi imediata e nos tornamos grandes amigos. Ao longo de nossa relação pude presenciar um grande repertório de fatos e acontecimentos de sua vida. A ousadia de pensar grande e a persistência em realizar suas ideias o fizeram quebrar barreiras, tabus e recordes até então vigentes. Todas essas marcas, que são resultado de sua pessoa, o alçaram ao hall da fama e o levaram a ocupar um lugar de importante representatividade em nossa sociedade.

Ao comunica-lo de que iria estudá-lo, Paulo se colocou muito aberto e acessível. Concedeu-me todas as entrevistas que lhe solicitei, me fornecendo desta forma um rico material para as minhas análises e problematizações. Este trabalho teve como porta de entrada a nossa amizade, entretanto, saio dele como cientista social e pesquisadora de um fenômeno impactante e transformador.

Aos meus queridos e maravilhosos pais, Cesar e Laura, os meus agradecimentos são da vida toda. Minhas referências de vida. Pessoas que sempre me apoiaram em quaisquer decisões de minha vida, foram eles os principais motivadores e entusiastas quando decidi prestar o ENEM e tentar ingressar na UFF. O apoio deles, em todos os âmbitos imagináveis,

foi fundamental para que eu pudesse cursar e concluir o curso de Ciências Sociais na UFF. Tal como sempre fizeram ao longo de toda a minha vida.

À minha querida mãe, meu muito obrigado por me proporcionar os primeiros contatos com a disciplina de antropologia. Professora e Antropóloga da UFF, com ela tenho grandes aprendizados e importantes trocas intelectuais. Sendo ela uma fonte constante de inspiração.

Ao meu amor e minha companheira de vida, Nicole Blass, meu muitíssimo obrigado por todo o apoio, a energia e o entusiasmo com ralação a todas as nossas trocas e experiências vividas. Com você tenho ricas trocas intelectuais, políticas e de visões do mundo, as quais me levam a novas reflexões e perspectivas. Foi numa de nossas conversas que se definiu pela primeira vez o objeto desta pesquisa, me fazendo enxergar o quão rico era o material dos e-mails e que era exatamente nele que eu deveria mergulhar. Muito obrigada, meu amor. Por último e não menos importante, muito obrigada pela família linda que me trouxe e que me acolheu de forma tão amorosa. Especialmente o Théo, menino doce e adorável, seu maior e melhor projeto de vida.

Ao meu querido irmão, meu muito obrigado pela troca fraterna de uma vida inteira. Obrigada pelos maiores tesouros que trouxe à nossa família, meus amados sobrinhos, João Pedro e Vivente. Obrigada à Roberta, minha cunhada querida e que tanta alegria trouxe a nossa família.

Meus agradecimentos à minha tia e madrinha do coração, Mercedes Fernandes. Pesquisadora da área de cinema com quem tenho ótimas e curiosas trocas sobre filmes, séries, atores e atrizes.

Ao meu querido amigo do peito e de toda a vida, Felipe Braz, meu muitíssimo obrigado. Amigo confidente, sensível e inteligente é com quem tenho grandes trocas acerca das impressões do mundo e da vida.

Ao querido Julio Davies, meu agradecimento por nossa amizade, pelas longas trocas sobre os mais diversos assuntos e pela confiança mútua.

Agradeço aos meus colegas de curso pelo convívio em sala de aula e pelas deliciosas trocas e muitas cervejas tomadas na Praça da Cantareira. Todos eles foram pessoas marcantes e fundamentais para que a minha experiência na UFF fosse uma das melhores experiências de minha vida. Alguns se tornaram grandes amigos e com as quais desejo me relacionar por toda a vida. Agradecimentos especiais aos amigos queridos, Leandro Nascimento, Marcos Freitas, Vitor Rebello, João Flores, Lucas Negreiros, Dayanna Zerbini, Enock, Jacqueline Ferreira, Taísa Bezerra, Bárbara Fernandes, Sofia Oliver.

## SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1: Paulo Gustavo.....	05
1.1. Trajetória: breve biografia.....	05
1.2. Carreira: (“Minha Mãe É Uma Peça” – a construção de “Dona Hermínia”).....	16
Capítulo 2: A Relação com o público.....	26
2.1. Interação Ator   Personagem – Público Teatro.....	26
2.2. Ator   Personagem – Público TV.....	35
Capítulo 3: E-mails dos fãs – A condição de ídolo e fã sob um mesmo fenômeno.....	46
Conclusão.....	70
Referências Bibliográficas.....	74

## INTRODUÇÃO

*“O principal impacto do Paulo Gustavo é que para ele não existe a divisão palco e plateia. O espaço cênico é ele e o espectador grudados, integrados, desdobrados, aqui, todo mundo junto. É uma força cênica avassaladora. É um artista independente, popular, afirmativo, abusado, amado. Galvaniza plateias de 10.000 espectadores com o arraso de seu talento. Paulo Gustavo é um fenômeno a ser estudado”.*  
*(Fernanda Montenegro, março de 2015).<sup>1</sup>*

Este trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Ciências Sociais tem como propósito analisar a trajetória do ator e autor Paulo Gustavo a partir de sua personagem “Dona Hermínia”, do monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”. O foco desta análise tem como objetivo entender como se deu a construção do público do artista, em especial dos fãs que lhe escrevem depoimentos de ordem pessoal e íntima. Tal como analisar a relação entre os fãs e o artista.

Paulo Gustavo é hoje um dos artistas mais reconhecidos no cenário nacional e, sendo assim, possui muitos fãs e admiradores que o acompanham por meio de suas peças, programas de TV, de seus filmes, entrevistas e vídeos na internet.

A ideia de trabalhar com este tema nasceu da relação pessoal e profissional que possuo com o ator e, concomitante a isso, de meu ingresso em 2015 no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense.

Como amiga do Paulo há quase vinte anos, desde idos dos anos 2000, foi no início de 2015 que o ator me convidou para trabalhar como sua assessora de imprensa. Esta nova circunstância na qual me encontrava, que era de integrar sua equipe e ser também estudante de Ciências Sociais, fez surgir um interesse em querer estudá-lo como figura

---

<sup>1</sup> Depoimento da atriz Fernanda Montenegro sobre o ator Paulo Gustavo, registrado no DVD Hiperativo, lançado pelas Lojas Americanas em março de 2015. O DVD foi gravado em outubro de 2014, no HSBC Arena, para celebrar os cinco anos de sucesso do espetáculo Hiperativo. As gravações ocorreram em duas noites de espetáculo, com um público de 10 mil espectadores por noite e teve transmissão ao vivo pelo canal de TV Multishow, ficando em primeiro lugar de audiência nos canais de TV a cabo. Com o DVD Hiperativo o ator ganhou seu primeiro disco de platina pelas 50 mil cópias vendidas antes mesmo do produto chegar às lojas.

pública. Ao longo do meu curso, esse interesse foi crescendo e cada vez mais se delineando.

Paulo Gustavo é hoje um fenômeno. Os números que produz e a multidão de fãs que o ator mobiliza são a prova do lugar ao qual o artista foi alçado na nossa sociedade. O espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça” já foi visto por mais de três milhões de espectadores, seus programas de TV são invariavelmente líderes de audiência e seus dois filmes juntos, “Minha Mãe É Uma Peça 1 e 2”, tiveram um total de quase quinze milhões de espectadores. Uma marca que entrou para a história do cinema nacional. Sendo ele um fenômeno de tamanha magnitude, era necessário fazer um recorte para este primeiro estudo sobre o artista. O ator se formou na Casa das Artes de Laranjeiras em 2005 e fez sua estreia profissional nos palcos neste mesmo ano. Em 2006 Paulo Gustavo monta o espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça”, que se tornaria não só um grande sucesso, mas como um verdadeiro fenômeno. A partir deste espetáculo, a carreira do ator teve importantes e significativos desdobramentos, transformando sua própria vida e a de muitos que o acompanham.

Muitas possibilidades me vieram à cabeça, tais como estudar estritamente o espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça”, estudar a questão da fama e de ser alçado à categoria de “famoso” ou, por exemplo, acompanhá-lo em suas turnês pelo país e estudar a relação do artista com o público. Ideias e possibilidades de abordagens eram o que não faltava. No entanto, havia sempre algo que me chamava atenção: e-mails enviados por fãs, contendo relatos de histórias difíceis e pessoais e que foram superadas. Sendo que, e este é ponto: o fato de terem conseguido superar os problemas narrados era “graças” ao Paulo. O poder de superação era atribuído ao ator Paulo Gustavo. Na condição de sua assessora de imprensa, responsável pelo e-mail profissional do artista, recebia muitas mensagens dessa ordem e que me despertavam a atenção, no início de forma curiosa e depois de forma mais atenta.

Tendo várias possibilidades de abordagem para pensar, foi trocando sobre elas com a minha companheira Nicole que a questão praticamente se definiu. Ao elencar diversas possibilidades que passavam na minha cabeça, Nicole de pronto opinou que a questão dos e-mails era o material mais singular e próprio que eu tinha. Somente eu e o próprio Paulo temos acesso a esses e-mails, o que me deixava automaticamente num lugar diferenciado para iniciar uma pesquisa. Todas as abordagens pensadas sobre o Paulo são muito interessantes e certamente rendem ótimos estudos, contudo, era necessário entender e reconhecer que eu tinha um rico material nas mãos e que só eu os tinha. Esta foi à reflexão

que Nicole me trouxe e da qual agradeço enormemente. Ela estava coberta de razão e a partir dessa definição o objeto de minha pesquisa começou a se delinear melhor.

Duas outras trocas me foram importantes para confirmar essa linha de pesquisa, com minha mãe, Laura Graziela, antropóloga e professora da UFF e com o meu futuro orientador, Professor Felipe Berocan Veiga. Tanto com minha mãe quanto com o Professor Felipe, a troca e o retorno se deram de forma similar. Minha mãe concordou que trabalhar o conteúdo desses e-mails era um tema de pesquisa interessante a se seguir. Com relação ao Professor Felipe, na ocasião eu ainda não tinha um professor orientador e através de sugestões e indicações, fui procura-lo. O Professor me recebeu muito bem e em nossa primeira conversa o apresentei meu interesse de pesquisa e o convidei para ser meu orientador, o que foi gentilmente aceito. Trocando com o professor, elenquei a ele as possibilidades de pesquisa que tinham me ocorrido, assinalando a ideia que julgava mais interessante. Perguntei o que achava e ele também concordou que era um material muito interessante, inusitado e singular, concordando que eu deveria aproveitá-lo.

O público, no geral, muitas vezes não dimensiona o alcance e o efeito que o artista e a sua arte podem vir a ter e a exercer nas vidas das pessoas, modificando significativamente determinadas condições, compreensões e formas de comportamentos até então vigentes.

Em se tratando do Paulo, alguns que só o veem como o “artista dos palcos, da TV e do cinema”, podem acabar por simplificar o fenômeno que ele é e representa, tomando-o “apenas” como um artista de entretenimento, sem maiores consequências. O que, nesse caso, apresentarei aqui como um erro de leitura.

A pesquisa realizada para este trabalho trouxe como resultado para este estudo a identificação de um “poder” transformador contido na arte de Paulo Gustavo. Provocando mudanças nas vidas de indivíduos e que acabam, conseqüentemente, provocando transformações nos microcosmos onde estes estão inseridos. Desta forma, se tornando importante compreender que Paulo Gustavo é um fenômeno sócioantropológico que merece e deve ser estudado.

O conteúdo dos depoimentos que serão analisados atribui ao artista Paulo Gustavo a superação de problemas de ordem emocional, psicológico e clínico, tais como depressão, anorexia e mesmo a “cura” de um câncer. Todos os autores dos episódios narrados conferem ao Paulo Gustavo o “poder” de superação destes problemas, ou a melhora significativa do quadro de saúde em que se encontravam.

O que se pretende discutir nesse estudo é a dimensão que Paulo Gustavo atingiu para o seu público e/ou uma fração dele. Analisar a posição de referência e o grau de influência que o artista tem e exerce sobre pessoas com as quais ele não tem propriamente um contato direto, mas sim através de sua arte e da imagem pública que ele projeta.

Para o desenvolvimento deste trabalho a metodologia aplicada foi de analisar o material contido nos e-mails e que aqui serão tratados. Utilizei-me também do método de entrevista com o ator Paulo Gustavo, buscando assim melhor compreender o grau de consciência e de percepção do ator acerca da relação com o seu público, tal como desses processos e de sua própria trajetória.

Para isto dividirei o meu trabalho em três capítulos.

No primeiro farei uma breve biografia do ator e uma análise de sua trajetória a partir da personagem “Dona Hermínia”, do monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”.

No segundo tratarei da relação do ator com o público, da interação do ator personagem no teatro e na TV.

No terceiro farei a análise da amostra que recolhi dos e-mails enviados por fãs. Através desse material, discutirei a representação que o artista tem para estes e de como se deu essa construção.

Por último, farei as minhas conclusões acerca da pesquisa desenvolvida e apresentada. Da mesma forma que também farei alguns apontamentos para serem mais bem trabalhados em futuros projetos.

## CAPÍTULO 1: PAULO GUSTAVO

### 1.1. Trajetória, breve biografia

Como parte da metodologia empregada neste estudo, fiz uma sequência de entrevistas com o ator Paulo Gustavo. O intuito dessas entrevistas foi de captar e recolher as impressões, percepções e informações do ator acerca de sua trajetória, de sua carreira e de seu público. Como sua amiga há quase vinte anos, desde os idos dos anos 2000 e sendo sua assessora de imprensa há quatro, desde o início de 2015, é bastante razoável e compreensível que eu saiba de muitos de seus processos, afinal, acompanhei muitos deles de perto. Entretanto e obviamente, o propósito deste trabalho não é o de colocar aqui, pura e simplesmente, os meus relatos acerca do artista Paulo Gustavo. Meus relatos, minhas impressões e análises, sem dúvida, são parte integrante deste trabalho, contudo, meu interesse é de compreender as consciências e as memórias do ator sobre si, sobre seus processos e sua trajetória. A forma como pensou e pensa sua carreira, seus mecanismos de análises, seu sistema de valores. A partir disso, desenvolver um estudo de dimensão sócioantropológica acerca do artista e de sua carreira.

Para o êxito deste empreendimento, terei de fazer o exercício de tornar o familiar em exótico. Por ter uma relação com o objeto de minha pesquisa, o primeiro passo é ter a consciência dessa proximidade e provocar um distanciamento emocional. Como escreveu o antropólogo Roberto Da Matta em relação ao processo de estudo do que é familiar, deve-se fazer uma viagem *xamântica*, que são viagens verticais, para dentro e para cima, muito mais do que físicas, que são de deslocamento de territórios. Tal como ocorre na etnografia clássica, onde o pesquisador sai de seu meio e vai estudar grupos ou sociedades distantes e/ou diferentes da dele (MATTA, 1978). Entretanto, como diversos autores já escreveram, há sempre uma fração de subjetividade nos estudos realizados, nas interpretações do campo. O pesquisador deve estar munido das ferramentas e técnicas para objetificar o seu campo, contudo, como o pesquisador é fruto de seu meio e cultura, seu ponto de vista é sempre um filtro da “realidade” (VELHO, 1978).

Nascido em Niterói, município do estado do Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1978, foi nesta cidade em que o ator viveu até a vida adulta. A cidade se situa a 13 quilômetros do município do Rio, sendo separada pela ponte Rio-Niterói <sup>2</sup> e pelo transporte

---

<sup>2</sup> Ponte Presidente Costa e Silva. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte\\_Rio%E2%80%93Niter%C3%B3i](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Rio%E2%80%93Niter%C3%B3i)>. Acesso em: 13 out. de 2018.



das barcas,<sup>3</sup> que faz a travessia entre os dois municípios via Baía de Guanabara. Esta breve contextualização sobre a cidade onde o ator nasceu e morou se deve a importância e influência que a proximidade entre Rio e Niterói exerceu na vida do ator, principalmente a partir do momento em que, mais à frente, o mesmo se decidiu por estudar teatro numa das mais renomadas escolas de teatro do Rio de Janeiro e do Brasil, a CAL – Casa das Artes de Laranjeiras.<sup>4</sup> Esta “circunstância” da vida, cidade na qual se situava e a entrada na CAL, que, em suas palavras foi “um divisor de águas”, serão abordadas mais à frente.

Paulo Gustavo narra que desde muito novo já demonstrava ser uma pessoa muito carismática, irreverente, aquele tipo que sem muito esforço “domina a cena” e logo já tem um monte de gente em volta, escutando e rindo das suas histórias. Quando criança conta que imitava a mãe, as tias, os primos, os parentes de um modo geral, e assim, constantemente, era o foco das atenções e das risadas. Isso não mudou conforme foi crescendo, ao contrário, foi se expandindo aos círculos de amigos e aos de convívio social. Paulo Gustavo foi um adolescente e jovem de muitos amigos, figura “popular” da cidade e que, por ter uma personalidade bem peculiar, sendo ele extravagante nas roupas, no cabelo e na atitude, era uma pessoa que não passava despercebida. Apesar de ser uma cidade de médio porte, em torno de 500 mil habitantes,<sup>5</sup> Niterói, num senso comum, é tida como uma cidade “pequena” e há uma máxima proferida por seus habitantes que: “em Niterói todo mundo se conhece”.

Exageros à parte, o fato é que Paulo era uma dessas pessoas que muita gente conhece e que quando alguém não conhecia, já tinha ouvido falar, era amigo de um amigo, irmão de uma amiga e assim sucessivamente. Foi através de amigos em comum que conheci o Paulo, nos idos dos anos 2000. Eu já conhecia a sua irmã, Juliana, mas ainda não o conhecia. Uma amiga em comum me falava muito do Paulo e dizia que quando eu o conhecesse iria “amar”, que tinha certeza de que nos daríamos bem. Finalmente um dia fomos apresentados e de fato tivemos uma afinidade e uma empatia mútua e imediata, nos tornando amicíssimos rapidamente.

Através do Paulo conheci muitas pessoas e fiz grandes amigos. Esta é uma das características do Paulo, ele é uma pessoa agregadora, apresenta todo mundo a todo mundo, é cheio de entusiasmo e energia. Sendo muito observador, é capaz de captar as

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.grupoccr.com.br/barcas/linhas-horarios-tarifas>>. Acesso em: 13 out. de 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://www.cal.com.br/>>. Acesso em: 13 out. de 2018.

<sup>5</sup> Dados do IBGE. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi/panorama>>. Acesso em: 13 out. de 2018.

potências e qualidades das pessoas com bastante sensibilidade e, gostando delas, as coloca para dentro da família, tanto no sentido figurado quanto no literal. Muito ligado aos seus pais, sua irmã, tias e primos, agrega a todos e faz com que todos façam parte de uma grande família. Da mesma forma que, por ser muito perspicaz e espirituoso, sempre fez de todos os que o cercam material de seus laboratórios, de suas sacadas, de suas piadas e tiradas, de suas improvisações e de suas histórias. Com Paulo Gustavo há sempre muitas histórias, hilárias e emocionantes e todos que fazem parte delas, seja de um jeito ou de outro, se sentem homenageados por serem personagens de seus roteiros.

Para Paulo Gustavo ser ator foi algo muito “natural”. Seu primeiro “estalo” se deu ainda criança, quando foi assistir à peça “O Gato de Botas”,<sup>6</sup> um conto de fadas do escritor francês Charles Perrault e que teve uma adaptação em 1987, pela autora Maria Clara Machado, no teatro “O Tablado”.<sup>7</sup> Naquele momento, Paulo Gustavo teve a sensação de que ao invés de querer estar na plateia, ele queria estar no palco. Em suas palavras, ele queria estar “com aquela roupa, com aquela luz, eu queria ser aplaudido no final, queria estar atrás da cortina”. Segundo o ator, este primeiro “estalo” foi a semente de algo que se desenvolveu e que ele, através de sua personalidade e interesse, foi cultivando e elaborando. Até que, quando mais velho, aos 23 anos e jovem-adulto, na fase em que se costuma escolher o que vai fazer e estudar, o ator se decidiu por ingressar na Casa das Artes de Laranjeiras.

Em vista destas narrativas, verifica-se no ator uma característica recorrente nos relatos de vida, nos relatos autobiográficos, que é o de dar um sentido, uma coerência aos fatos e aos eventos da vida, como se eles tivessem tido um encadeamento lógico e prospectivo. Quando Paulo Gustavo, ao contar sua história, diz que “desde criança” já imitava seus parentes e fazia graça para e com a família e que, ainda pequeno, teve seu primeiro “estalo” ao assistir a peça “O Gato de Botas”, o ator está, em retrospectiva cronológica, buscando e dando sentido a um todo. Em a “Ilusão Biográfica”, Pierre Bourdieu (2006, p. 184-185, grifo do autor) problematiza estas narrativas que procuram dar um sentido de existência, como se houvesse um princípio, uma razão e uma direção: “[...] selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos *significativos* e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência [...]”. A intenção de problematizar estas narrativas e, no caso em questão, a narrativa do ator Paulo Gustavo,

---

<sup>6</sup> Conto de fadas do escritor francês Charles Perrault, publicado em 1697, no livro “Les contes des ma mère l’Oye”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Gato\\_de\\_Botas](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Gato_de_Botas)> Acesso em: 12 out. 2018.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://otablado.com.br/production/o-gato-de-botas-1987/>> Acesso em: 12 out. de 2018.

não é a de deslegitimar a compreensão que o ator tem de sua vida e de sua trajetória. Estas narrativas são recorrentes com todos nós. Temos um impulso de buscar constantemente um sentido para nossas vidas, uma ideia de princípio, de causa e efeito e que dizem respeito a etapas de desenvolvimento. Buscamos com isso explicar a nossa existência, para nós mesmos e para o outro. Todavia, cabe ao pesquisador que se propõe a uma análise sociológica e antropológica, problematizar essa falsa compreensão de linearidade. As vidas se constituem muito mais de eventos e fatos isolados do que o contrário. O sentido e a coerência só são possíveis de serem dados *a posteriori*, conforme a costura de nossa narrativa para nos explicarmos hoje. Se não aceitarmos isso, estaremos acreditando que nosso futuro já está traçado desde muito cedo, quiçá ao nascer, e que todos os fatos e eventos provenientes de nossas ações e escolhas constitui uma finalidade.

Como exemplo dessas não linearidades, podemos analisar alguns eventos da vida do ator. Antes de entrar para a CAL, Paulo Gustavo cursou por um pequeno período a faculdade de Turismo. Da mesma forma que ele não deu continuidade a esse estudo, ele também poderia ter dado, quem sabe ter se formado e tido uma trajetória diferente. Outro evento passível de análise foi o de se propor a uma experiência em Nova Iorque. Paulo tem uma tia, “tia Lúcia”, que mora há muitos anos no Queens, Nova Iorque. Numa dada altura, o pensou em fazer uma experiência por lá. Depois de tentar Turismo, mas ainda antes de ter se decidido pelo teatro, o ator, como muitos de sua geração e amigos próximos, resolveu ir para Nova Iorque em busca de novas experiências. Seu plano era passar uma temporada na cidade, trabalhar e ganhar dinheiro enquanto aprenderia e estudaria inglês. O plano de “uma temporada” e que poderia ter se desdobrado em outras tantas possibilidades, tal como ocorre com muitos que se propõem a esse tipo de experiência, durou apenas um mês. Como relata o ator, ele é “muito família” e sentiu saudades de casa, dos pais, parentes e amigos, da mesma forma que também não se adaptou ao ritmo e as possibilidades de trabalho impostas pela circunstância. Esses exemplos nos servem como análises de que na verdade, muitos eventos “sem conexão” ocorrem em nossas vidas e, não sendo diferente, ocorreram na vida do ator. Paulo Gustavo viveu uma série de episódios em sua vida que poderiam ter se desdobrado em várias outras possibilidades e quem sabe até ter tido uma trajetória diferente. Entretanto, o ator, depois de muitas experiências, decidiu-se por estudar teatro e se encontrando nesse ambiente, desdobramentos provenientes dessa resolução ocorreram. Porém, o fato de ter se decidido por estudar teatro, por si só, também não é a explicação conclusiva para ele ter se tornado o ator de sucesso que é hoje. Da mesma forma que antes de entrar na CAL o ator viveu inúmeros eventos que permitiam

muitas possibilidades e desdobramentos, depois de entrar na CAL não foi diferente. Muitos outros eventos e episódios continuaram a acontecer, o que poderia ter implicado em outras possibilidades e desdobramentos.

A entrada na CAL se deu em 2002. A partir desse momento, e que o próprio ator considera como um divisor de águas, a impressão que se tem é que tudo se desdobrou e fluiu de forma harmônica e bem encadeada até os dias de hoje. No entanto, como venho analisando, esta suposta harmonia e fluidez são muito mais fruto de construções feitas de fora e/ou *a posteriori* do que um “processo natural” a partir de um episódio estopim. Com a entrada do ator na CAL, muitos eventos se sucederam e aqui caberá analisar que o êxito de sua história, tanto na escola de teatro quanto no desenrolar de sua carreira, se deram, principalmente, pelas posturas, pelos enfrentamentos e as costuras de Paulo Gustavo diante do que poderia ser problemas, empecilhos e mesmo uma mudança de curso de vida. Não há trajetória sem adversidades e dificuldades e com o Paulo não foi diferente.

Um episódio marcante e emblemático na vida do ator e que ilustra bem a gama de possibilidades de posturas que poderiam ser tomadas diante de situações difíceis, foi o episódio narrado em nossa entrevista. Paulo conta que logo que chegou à CAL, ainda no início do seu curso, um professor lhe disse que ele não ia ser um ator, que ele ia ser um travesti. No termo utilizado por Paulo, essa fala lhe soou como um *bullying*<sup>8</sup> e do qual se lembra até hoje. Entretanto, feita as suas elaborações, ato contínuo Paulo refletiu e concluiu: “tudo bem para mim, se eu for travesti eu vou ser o MAIOR travesti do Brasil. Não tem o menor problema em ser travesti. Então eu vou ser o maior travesti do país”. Esta pró-atividade e capacidade de resiliência do ator diante de uma situação adversa e que poderia deprimi-lo ou desmotiva-lo, é um dos muitos exemplos pelos quais o ator passou e que irei abordar ao longo dessa redação. No entanto, vale ressaltar que o intuito de esmiuçar essa questão não é a de emoldurar o ator num quadro de “super-homem” inabalável pelas intempéries da vida e sim de analisar, antropologicamente, as situações e o comportamento do ator diante dessas situações.

Em “Sociologia de um Gênio”, Norbert Elias (1995) analisa a trajetória e a vida de Mozart numa dada época, que era a de um músico e sua genialidade à frente de seu tempo, numa sociedade onde ainda não havia uma estrutura para o músico “autônomo” e a compreensão do conceito romântico de “gênio”. Para Elias (1995, p. 19): “É preciso ser

---

<sup>8</sup> Bulimento ou *bullying*: termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológicas intencionais e repetitivos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia e sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo”. Segundo o autor, Mozart viveu numa época de transição, onde os primeiros indícios de uma estrutura para o músico “autônomo”, fora e independente da corte, já eram perceptíveis, mas, em concreto e substancialmente, ainda não eram viáveis e consistentes. As mudanças de estrutura e de transformações de uma sociedade nunca são bruscas, elas acontecem aos poucos, em estágios. O que Elias apresenta em seu trabalho, em síntese, é que o não reconhecimento em vida de Mozart se deu por uma série de fatores, dos quais ele destaca as condições da época, século XVIII, que implicavam em uma determinada forma de trabalhar, produzir e consumir música e, indo de encontro a isso, o despreparo emocional de Mozart em se adaptar às situações e condições vigentes (1995, p. 43-44).

Guardando todas as particularidades de espaço, época e “gênios”, o que apresento é que Paulo Gustavo soube lidar de forma inteligente com diversas situações que lhe foram apresentadas. Ao contrário de Mozart, o ator vive em uma época em que as estruturas para o desempenho de sua arte estão estabelecidas e a seu favor. Existe um campo <sup>9</sup> razoavelmente robusto para atores e autores expressarem sua arte e exercerem sua profissão. Tendo se formado na CAL em 2005, Paulo Gustavo se profissionalizou numa época em que a cena teatral em nossa sociedade é inegavelmente robusta e estabelecida, mesmo com toda a problematização que se possa e se deva fazer aos investimentos e recursos destinados à cultura neste país. Da mesma forma, também se formou em uma época em que a indústria televisiva e cinematográfica já era bastante consistente e com tradição no país. Para, além disso, sendo Paulo um ator de teatro, que é como se reconhece primordialmente, à época se enunciava uma “onda” que iria durar por muito tempo: o gênero comédia. Aqui não cabe me ater que o gênero comédia vem desde a Grécia Antiga e que é um dos pilares das artes cênicas há muitos séculos. Ao me referir a “onda” do gênero comédia daquela época e que perdura até hoje, aponte um movimento notório que houve naquele momento e que foi motivo de muitas matérias de jornais e revistas. O formato de teatro de esquetes, com quadros curtos, de sátiras e personagens estava bastante

---

<sup>9</sup> Conceito de campo de Pierre Bourdieu: “Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global (nacional ou, mais raramente, internacional)”; “Todo campo possui uma autonomia relativa: as lutas que se desenrolam em seu interior têm uma lógica própria, mesmo que o resultado das lutas (econômica, sociais, políticas, etc.) externas ao campo pese fortemente no desfecho das relações de força interna” (CATANI; Afrânio Mendes. *et al*, 2017, p. 65).

em voga. Da mesma forma que surgia também os espetáculos de *stand-up comedy*,<sup>10</sup> que virou febre e caiu no gosto do público.

É nessa época que o ator dava os seus primeiros passos e que veio a se tornar um dos expoentes de sua geração. Antes mesmo de se formar, ainda em 2004, Paulo foi convidado a fazer uma participação especial em uma peça que era um grande fenômeno na época, chamada “O Surto”.<sup>11</sup> A peça era feita de esquetes que faziam sátiras ao meio artístico e de bizarrices da época. Paulo foi apresentado ao elenco da peça por sua amiga e atriz Samantha Schmütz, que na época integrava o grupo como “atriz convidada”. A partir desse contato, o ator foi convidado a fazer uma “participação especial” e foi nessa ocasião que o ator apresentou pela primeira vez a personagem “Dona Hermínia” para público. Era um esquete de oito minutos e que a partir dele já se sentiu todo o potencial da personagem. A recepção do público foi tão boa que, de uma “participação especial”, o ator ficou mais um bom período se apresentando com o elenco da peça.

Naquela época, o “boom” das peças de comédias foi um fenômeno que representou um retorno do grande público ao teatro, repercutindo em muitas produções de sucesso e casas de espetáculos lotadas. A impressão que se tem é que naquele momento e no qual ainda vivemos, o teatro ficou mais popular e diversificado, não se restringindo ao segmento *cult*. Essa contextualização nos serve para melhor compreender, em comparação ao estudo feito por Elias, de como o ator teve estruturas e campo artístico favorável à sua arte.

O sociólogo Pierre Bourdieu trabalha com o conceito de campo, que são microcosmos dentro da sociedade e que funcionam com relativa autonomia, possuindo regras e lógicas próprias, sem, no entanto, deixar de se relacionar e sofrer influências das forças externas ao campo. Todos os agentes que dele fazem parte ou querem participar, estão submetidos aos jogos de forças, de disputas de posição e poder. A partir da ideia central de campo, Bourdieu trabalha com diferentes tipos de campo, como o campo acadêmico, o campo econômico, o campo jurídico, o político e muitos outros que estudou ao longo da vida. O campo artístico é um deles e uma característica que o distingue dos

---

<sup>10</sup> Espetáculo de humor, executado por apenas um comediante, que se apresenta geralmente em pé, sem acessórios, cenários, caracterização, personagem ou recurso teatral da “quarta parede”. O estilo é chamado também de *humor de cara limpa*.

<sup>11</sup> Estreou no Rio de Janeiro, em 2004. Peça de humor ácido e que fazia uma sátira ao meio artístico e de bizarrices da época. Virou febre no Rio de Janeiro e depois em todo o país. Ficou em cartaz durante mais de dez anos, foi indicada a vários prêmios e caiu no gosto da crítica especializada, da classe artística e do público. Elenco: Rodrigo Fagundes, Wendell Bendelack, Thaís Lopes e Flavia Guedes.

demais é que ele “[...] possui configurações distintas que variam conforme o momento e a sociedade em que se inscreve.” (CATANI, 2017, p. 65, 67).

De todo modo, se é verificável que a cena artística da época era favorável, isso não significa, muito pelo contrário, que questões internas e externas ao campo não tenham aparecido e feito suas “pressões”. Conforme mencionei mais acima e que agora desenvolverei melhor, o ator teve de fazer importantes enfrentamentos ao logo de sua formação e carreira artística. Os “enfrentamentos” aos quais me refiro dizem respeito a ter tido uma boa leitura de si e do entorno, entender as “regras do jogo” e, com inteligência emocional e talento, ter feito das adversidades e do que poderia ter sido “empecilhos”, as suas maiores potências. Como já citado aqui, vimos que ao sofrer um *bullying* do professor, que lhe disse que ao invés de ator ele seria um travesti, Paulo sentiu um baque, no entanto, não ficou baqueado. Há uma diferença crucial entre um e outro. O primeiro é pontual, que denota sensibilidade e mesmo lucidez ao passar por um tipo de opressão e julgamento que, no mínimo, era descabido. Já o segundo, tem a conotação de uma condição, algo que perdura e que, na dada situação, poderia ter minado com a autoestima do ator. Não foi o caso. Paulo elaborou e no momento seguinte se colocou o desafio de: “então ser o maior travesti do país”. Em nossas conversas, o ator conta que sempre pensou grande. Em tudo. Quando estudante na CAL, isso não foi diferente, ao contrário, ficou ainda mais potente. Frisando ele que sempre teve “essa sede, essa vontade de ser um grande artista”.

Para fechar melhor o entendimento dessa postura do Paulo diante das situações e circunstâncias e que diz respeito a uma boa leitura de si, do meio que o cerca e do qual, naquela época, gostaria de pertencer - o meio artístico, darei mais um exemplo. O episódio também se passou na CAL, na aula de uma professora pela qual o ator tem grande estima, Celina Sodré. Num dado dia, Celina passou uma circular para os alunos que continha um exercício: se olhar no espelho, olhar para você, falar com você e se perguntar o que você pode, quais são seus defeitos, quais são suas qualidades. Esse era o desafio proposto e que todos tinham que se haver. Paulo conta que naquele momento teve o “estalo” de entender que é na crítica que se cresce. Foi assim que disse: “Pode ser super doloroso, mas é verdade: eu sou afeminado, eu não tenho cabelo, sou careca, eu não tenho o corpo perfeito, ‘nos padrões de beleza’. E agora? Como é que a gente vai fazer?”. E continuou: “Como é que eu vou fazer para transformar isso no meu sucesso, no meu trabalho?”. A partir de um enfrentamento honesto, concluiu:

Já que eu sou afeminado eu vou fazer uma mulher. Tá tudo certo. Mas eu vou fazer uma mulher incrível. Já que eu não sou “galã”, os meus personagens vão ter roupa. Já que eu não tenho cabelo, eu vou comprar as perucas, tá tudo certo. E eu vou me inventar. E já que eu não sei fazer aquela coisa “natural de novela”, não tem problema, eu vou para o caricato, eu vou para a comédia, mas eu vou ser um comediante foda.<sup>12</sup>

Esses exemplos servem para entender que Paulo Gustavo teve, não só uma inteligência emocional, um equilíbrio em não se abater com eventuais críticas e nem com suas próprias elaborações, mas como também demonstrou ser um “bom jogador”. Segundo Bourdieu em “As regras da arte”, o campo artístico tem lógicas e regras próprias e como todo campo, é um campo de poder, de lutas e disputas. Desta forma, o autor compara essa engrenagem a de um jogo, onde o jogador precisa entender e dominar as regras e disposições para se colocar na disputa, “no jogo” e sair dele “vencedor”.

[...] as disposições, ou seja, o conjunto de propriedades incorporadas, inclusive a elegância, a naturalidade ou mesmo a beleza, e o capital sob suas diversas formas, econômica, cultural, social, constituem trunfos que vão comandar a maneira de jogar e o sucesso no jogo, em suma, todo o processo de *envelhecimento social* [...] (BOURDIEU, 1996, p. 24, grifo do autor).

Ao perceber que lhe faltava alguns atributos que são valorizados no campo artístico, ele se inventou como artista a partir de outros, que também são valorizados e muito efetivos, como uma pró-atividade já aqui analisada, de fazer das intempéries da vida justamente um “trampolim” para os seus saltos. Isto, num primeiro momento, pode soar como se a pesquisadora quisesse romantizar o seu objeto de pesquisa e a trajetória do mesmo. Mas veremos ao longo dessa redação, através de exemplos vividos pelo ator, que foi através das limitações, através de supostos “impedimentos” que ele foi se construindo, criando suas personagens, criando seu espaço de trabalho, criando o seu público, inventando a sua carreira.

Outro aspecto importante a ser ressaltado era a estrutura financeira que o ator detinha à época. Paulo é de uma família de classe média e desta forma sempre teve que lidar com recursos limitados, não sobrando dinheiro para “supérfluos” e nem “luxos”. Sua mãe era professora do estado e seu pai tinha um trabalho intermitente na prefeitura de

---

<sup>12</sup> Entrevista feita com Paulo Gustavo em setembro de 2018.



Maricá, num cargo terceirizado. A mulher de seu pai, “tia Penha”, pessoa muito querida e importante na vida do Paulo, era contadora de uma empresa. Essa era a constelação familiar de Paulo e que, com muito esforço, juntos conseguiram lhe pagar a CAL, uma das escolas de teatro mais caras e das mais respeitadas do Rio de Janeiro.

Durante boa parte do período que estudou na CAL, Paulo trabalhou em uma loja. Na ocasião, meu pai tinha uma loja de sapatos em Icaraí (Niterói) e na qual eu trabalhava como vendedora. Tínhamos nos conhecido há pouco tempo, mas como já mencionei, logo que nos conhecemos já ficamos muito amigos. Paulo começou a trabalhar na loja na mesma época que estava ingressando na CAL. Durante este período sua rotina era bem puxada. Paulo trabalhava na loja no turno da manhã, de nove às três da tarde e estudava na CAL no turno da noite, de seis às dez. Saía do trabalho e pegava um ônibus até a CAL, em Laranjeiras (RJ) e quando terminava a aula, pegava um ônibus de volta para a casa, em Itaipu, na região oceânica de Niterói. Muitas vezes, por conta do dia, do horário e do trajeto que o ator tinha que fazer, ele chegava à sua casa uma ou duas horas da manhã e no dia seguinte tinha que levantar às sete horas para poder estar na loja às nove. Esta rotina era-lhe bastante cansativa, mas lhe serviu como uma fonte de recurso para ter algum dinheiro e se viabilizar. Aqui cabe um adendo e que diz muito sobre o Paulo: mesmo com todas as dificuldades, as durezas e o cansaço, Paulo era sempre o mais animado, o mais otimista, entusiasmado e engraçado dos ambientes onde se encontrava. Brincava com todo mundo, fazia palhaçada, imitava o jeito das pessoas, enfim, o dia com ele era sempre mais alegre e leve. Depois de algum tempo, mas ainda na CAL, ele conseguiu que sua família lhe ajudasse a se dedicar exclusivamente a CAL e não mais trabalhasse na loja. Isso foi importante para que ele, na reta final, pudesse investir mais em seus estudos e nas atividades paralelas que também faziam parte de sua formação.

Paulo Gustavo se formou na CAL em 2005 e neste mesmo ano fez sua estreia profissional nos palcos. Junto com o seu amigo e colega da CAL, o ator Fábio Porchat, montaram o espetáculo “Infraturas”,<sup>13</sup> cuja autoria do texto é do Fábio Porchat e a direção é de Malu Valle. O espetáculo era composto de esquetes que retratavam as manias e as agruras do cotidiano. Os atores se dividiam em cena em nove personagens, dos quais Paulo fazia cinco femininos. É neste espetáculo que Paulo faz dois grandes laboratórios e que iriam se tornar suas grandes potências: o de fazer personagens femininos e o de ser

---

<sup>13</sup> Espetáculo “Infraturas” estreou em 2005, no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, RJ. Disponível em: <http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/infraturas-estreia-na-cidade-maravilhosa/2005/10/06-10236.html>>. Acesso em: 02 de nov. de 2018.

empreendedor nas ideias e nas atitudes. Quanto a fazer papéis femininos, isso se confirma nas cinco personagens femininas que o ator representou em sua peça de estreia e que pudemos acompanhar e verificar no desenrolar de sua carreira. As personagens femininas interpretadas por Paulo foi motivo de elogios entre público e crítica. Para termos uma dimensão, a temida e respeitada crítica de teatro, Bárbara Heliodora,<sup>14</sup> elogiou os atores em sua estreia profissional, disse: “dois bons atores prejudicados pela falta de qualidade do texto”. Anos depois, Bárbara Heliodora iria tecer mais uma crítica positiva ao ator, sobre o espetáculo “Hiperativo”, o terceiro da carreira do Paulo, o comparando a Charles Chaplin: “Paulo Gustavo é um exemplo à sabedoria de Charles Chaplin”.

Como segundo laboratório mencionado, o de “ser empreendedor nas ideias e nas atitudes”, isso se refere ao ímpeto de pensar grande, projetar grande e fazer com que estes projetos se realizem. Aqui cabe um depoimento pessoal. Há muitos anos atrás, quando trabalhávamos juntos na loja de sapatos, lembro-me de quando Paulo veio me falar do projeto que estava construindo com o amigo e colega Fábio Porchat, a peça “Infraturas”. Estávamos no estoque da loja e ele leu o texto da peça para mim. Rimos muito, vibrei com a ideia e nisso ele foi me explicando como os dois estavam organizando e articulando para realizar o espetáculo. Foi quando ele me disse que a “Malu Valle”, uma grande atriz de teatro, cinema e TV, iria dirigi-los. Eu falei: “Uau! Que máximo! Que bacana que ela topou”, e ele me respondeu: “Ela ainda não sabe. Mas eu vou falar com ela, vou apresentar o projeto e ela vai dirigir.”

Esse pequeno episódio ficou guardado comigo para sempre. Porque o Paulo ainda ia se formar, ainda conhecia pouquíssimas pessoas do meio, tinha poucos recursos financeiros, contudo, pensava grande, de forma muito convicta e ao mesmo tempo tranquila. Eu ouvi o que ele disse e, na ocasião, mesmo estando os dois num cubículo de um estoque de loja, não me soou nem um pouco fantasioso. Soou como um fato, líquido e certo. Logo depois ele veio me contar exatamente o que tinha dito: se apresentou a Malu Valle, apresentou o seu projeto, disse que queria que ela dirigisse o espetáculo e ela aceitou. Detalhe, Malu Valle nunca tinha dirigido nenhum espetáculo. Foi sua estreia como diretora.

---

<sup>14</sup> Bárbara Heliodora foi uma das críticas teatrais mais respeitadas do Brasil. Considerada a maior especialista em William Shakespeare do país, foi professora emérita e titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tradutora e ensaísta. Era temida no meio teatral por suas críticas duras e diretas, o que lhe rendeu algumas contendas e polêmicas públicas. Morreu em abril de 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/morre-critica-teatral-barbara-heliodora-aos-91-anos-15832475>>. Acesso em: 03 de nov. de 2018.

Este episódio nos serve para entender uma das posturas mais interessantes de se observar no Paulo e que, em minha análise, tanto como amiga como pesquisadora, diz muito sobre o desdobramento de sua carreira e à proporção que ela tomou. “Infraturas” ficou um ano em cartaz, tendo se apresentado em diferentes teatros do Rio de Janeiro e feito algumas pontuais apresentações fora do estado. O espetáculo não chegou a ser um sucesso de público, todavia, o ator avalia que foi um sucesso sob outros aspectos. A peça foi a estreia profissional do ator nos palcos, teve boas críticas da crítica especializada e lhe serviu como um *début*<sup>15</sup> no meio artístico. A partir dela, o ator conheceu muitas pessoas, que lhe apresentaram outras tantas e das quais é, até hoje, grande amigo. Desta forma, começou a construir uma “rede” de relações, um capital social valioso e necessário para fazer parte do “meio” e do campo artístico. Como já mencionado, dominar as “regras do jogo” é fundamental para se manter na disputa, no campo de poder e de ação (BOURDIEU, 1996). A regra da sociabilidade, de saber se colocar, se apresentar, conhecer e ser amigo de pessoas que são influentes e que também dominam essa regra, faz parte do jogo e qualifica um bom jogador. Quem conhece o Paulo de muito tempo, desde antes de “virar artista”, relata que esta sempre foi uma característica marcante sua, ser muito comunicativo, de muitos amigos e conhecidos. O ator soube aproveitar essa sua característica, desenvolvê-la e transformá-la num capital.

## **1.2. Carreira (“Minha Mãe É Uma Peça” – a construção de “Dona Hermínia”)**

Terminada a peça “Infraturas”, Paulo Gustavo conta que se viu na seguinte situação: “sem um puto no bolso, sem dinheiro de passagem” e concluiu: “eu preciso trabalhar”. A ideia de escrever o monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”, inspirado em sua mãe, Dona Déa Lúcia, veio substancialmente de sua experiência de vida.

O ator já havia feito uma primeira experiência na peça “O Surto”, quando a personagem “Dona Hermínia” apareceu pela primeira vez. Na ocasião, o ator teve o *insight* da personagem junto à sua amiga e atriz Samantha Schmütz, que participava da peça em questão como “atriz convidada”. “O Surto” era um espetáculo de esquetes e de personagens. Ao conhecer o espetáculo e ser apresentado ao elenco, o ator recebeu um

---

<sup>15</sup> Da palavra em francês *débutante*, que significa estreante. A ideia de um rito de passagem, onde, a partir do seu “*début*”, o indivíduo passa a frequentar um determinado meio ou grupo social. Originalmente a palavra *debutante* é designada para as jovens que, ao completar quinze anos, promovem uma grande festa e se apresentam para a sociedade, numa celebração de rito de passagem, onde deixam de serem meninas e viram mulheres.

convite do grupo para fazer uma participação. Paulo viu na ocasião uma ótima oportunidade de testar o seu talento e de se apresentar para o grande público pela primeira vez. Na época, ainda estudante da CAL, o ator trocou com Samantha sobre o que ele poderia apresentar. Muito amigos, Samantha já tinha visto várias “performances” do ator, que na intimidade e para os amigos, imitava a mãe, tias, primos e os próprios amigos. Foi nessa troca que Samantha sugeriu que as imitações da “mãe” rendiam uma ótima personagem para um esquete. Paulo concordou e assim o fez. Junto com Samantha e o amigo e hoje roteirista, Fil Braz,<sup>16</sup> escreveu o texto do esquete. Como já relatado, a recepção do público foi tão boa que, de uma participação especial, o ator acabou se apresentando com elenco durante quase três meses.

Foi quando Paulo Gustavo se viu formado, já com as experiências de “O Surto” e de “Infraturas” na bagagem, mas sem nenhum convite ou projeto concreto em vista, que ele se decidiu por escrever a sua própria peça. A partir do esquete que apresentou no “O Surto”, o ator escreveu um monólogo de uma hora de duração em cima da personagem. Em nossas conversas, Paulo conta que ao perceber que fazia bem papéis femininos, que já tinha colhido críticas favoráveis neste quesito, que não tinha o “perfil” viril e nos “padrões de beleza” que a indústria da televisão demanda e que o mercado consome e, somando a isso, que já tinha uma personagem própria nas mãos, da qual também já tinha tido um bom retorno do público, que pensou: “Eu não vou ficar em casa, duro, de jeito nenhum. Porque eu sei que sou um cara talentoso”. É neste contexto que ator se fechou em casa durante três meses e escreveu o monólogo “Minha Mãe É Uma Peça”.

Paulo Gustavo não tinha dinheiro para investir no projeto, mas tinha a certeza de que queria fazê-lo e que tinha talento para tal. Como ele mesmo salienta e isso é muito claro para quem faz parte de seu convívio, ele tem e conquistou muitos amigos. Sendo ele uma pessoa bem quista e querida entre os antigos e os novos amigos, que iam surgindo e que ele ia estreitando as amizades. Foi a partir dessas relações, de amizades e conhecimentos que ele já tinha feito no meio artístico, que Paulo Gustavo colocou para

---

<sup>16</sup> Felipe Braz e Paulo Gustavo são amigos desde os 15 anos de idade. Felipe se formou em Letras pela Universidade Federal Fluminense e foi professor de português e literatura da rede estadual de ensino médio do Rio de Janeiro. Paulo sempre viu potencial em Felipe, dizia que ele era um “literato” e que iriam escrever juntos. Felipe não escreveu a primeira peça do ator, “Minha Mãe É Uma Peça”, mas colaborou na construção da personagem “Dona Hermínia”, quando escreveram juntos o esquete do “Surto”. Logo depois de “Minha Mãe É Uma Peça”, os dois engataram na pareceria e escreveram diversos trabalhos juntos, como o programa “220 Volts” do canal Multishow e os espetáculos “Hiperativo”, “220 Volts” e “Online”. Juntos, Felipe e Paulo escreveram os fenômenos de bilheteria “Minha Mãe É Uma Peça 1 e 2”, recordes do cinema nacional. Na presente data [nov. 2018] os dois se encontram escrevendo dois novos projetos, que são o espetáculo “220 Volts vol. 2” e a terceira franquia do filme “Minha Mãe É Uma Peça”, ambos com previsão de estreia em 2019.

fora a sua veia empreendedora da qual mencionei os indícios mais atrás. Paulo já tinha se apresentado no Teatro Candido Mendes com a peça “Infraturas” e por isso conhecia a diretora do teatro. Com o monólogo em baixo do braço, Paulo foi até o teatro e conversou com a diretora. Apresentou seu projeto, enfatizou no quanto acreditava nele e pediu uma oportunidade de pauta. Conseguiu. Com o teatro já fechado, Paulo precisava montar o espetáculo, o que implicava em cenário, luz, figurino, direção e tudo que consiste um espetáculo, mesmo que de forma enxuta. Sendo assim, ele marcou uma reunião com um grupo de artistas e profissionais do meio, que ele já conhecia e confiava no trabalho, como João Fonseca (direção), Nello Marrese (cenógrafo), Pablo Sanábio (produtor) entre outros, e disse: “Eu não tenho como pagar vocês agora, mas eu acredito neste projeto, já consegui o teatro e tenho certeza de que dará certo. Eu acredito e confio em vocês. Eu tenho uma proposta a fazer e queria que vocês me ouvissem”. Paulo perguntou a cada um qual seria o valor de seu trabalho para aquele projeto. Cada um passou o seu “cachê”. Então Paulo propôs o seguinte: ele pagaria 2% da bilheteria a cada um até completar o dobro do que seria o valor do trabalho do profissional. Então, se um deles tinha lhe passado o valor de 20 mil reais, ele daria 2% da bilheteria até completar 40 mil reais. Esta foi a sua proposta e todos aceitaram. Para comprar os elementos do cenário [sofá, cortina, tapete e demais elementos], Paulo conseguiu parcelar em várias vezes com cheques emprestados pela “tia Penha” e seu pai. Foi dessa forma que em pouquíssimo tempo Paulo montou o espetáculo e estreou. Em menos de dois meses o ator já teve de abrir sessões extras, logo em seguida passou a se apresentar de terça a domingo, folgando somente na segunda-feira e ainda assim mantendo as sessões extras dos finais de semana. Os ingressos se esgotavam com semanas de antecedência e provocavam enormes filas. Não demorou e ele teve de migrar de teatro, ir para um espaço maior que comportasse a demanda do público.

No mesmo ano em que estreou com o espetáculo, 2006, Paulo foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro na categoria Melhor Ator.<sup>17</sup> Paulo não levou o prêmio, mas sem dúvida foi um grande feito ter sido indicado logo em seu trabalho de estreia a um dos principais prêmios de teatro do país.

---

<sup>17</sup> O Prêmio Schell de Teatro foi criado em 1988 para contemplar, ano a ano, os artistas e espetáculos de melhor desempenho nas temporadas teatrais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/premio-shell-de-teatro-divulga-indicados-do-rio,20060713p5360>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

O ator destaca que a lucidez e a honestidade de encarar suas características foram fundamentais para que ele inventasse a própria carreira. Ao dizer que tinha um “lado feminino muito afluído”, que não tinha cabelo e nem o “corpo perfeito”, no sentido dos padrões de beleza, ele percebeu que, ao menos de início, encontraria dificuldades para entrar no segmento de TV, que é o grande mercado e destino dos jovens atores. Ele coloca que a televisão quer “pessoas bonitas” e com “corpos perfeitos” e que o talento nem sempre é a prioridade de seleção. Nesta lógica, pessoas do seu perfil, ou não são escolhidas ou, se são absorvidas, acabam por ter de se contentar com papéis bobos e caricatos, como exemplificou, “o mordomo assustado e atrapalhado que deixa a bandeja cair”. Não era isto que o ator queria, ele queria muito mais. Em nossa entrevista, ele observa que da mesma forma que soube reconhecer características suas que não lhe beneficiavam sob a ótica da TV, também soube perceber que ele tinha talento e potencial, que ele tinha um trabalho bom de ator para apresentar. Conforme desenvolveu, isso não o fazia uma pessoa arrogante e de ego inflado. Aliás, como ele ressalva, uma dosagem de ego é importante na carreira do ator, porque se não o tem, o ator “não entra no palco e não se apresenta para milhões de pessoas”. Em suas palavras, “o limite desse ego, a dosagem dele que é importante não perder”.

Contudo, Paulo assinala que a TV, na verdade, nunca foi o seu maior objetivo. O seu interesse sempre foi de se construir como um ator de teatro, dos palcos, de se apresentar para uma plateia. Desde o início enxergava a TV como uma consequência, um desdobramento de sua carreira como ator de teatro. Este fator foi mais um dos elementos importantes que o fizeram optar por abrir o seu próprio espaço e literalmente inventar sua carreira. Caso seu objetivo fosse a TV, como acontece com muitos que saem das escolas de teatro, papéis “bobos e caricatos” já se enunciavam em seu horizonte. Cabe pensar que, também por isso, o ator tenha tido a sagacidade e certa pressa em se viabilizar por si mesmo. Desta forma, se retirando da rota comum a tantos atores que, por serem jovens, recém-formados, precisando trabalhar e ávidos em construir suas carreiras, acabam sucumbindo ao sistema predominante e nem sempre fazendo as melhores escolhas e trajetórias. Este era um espectro que rondava o imaginário do Paulo de forma forte. No seu entorno havia muitos colegas e amigos de sua geração que haviam optado pelo caminho da TV, aceitando os convites que chegavam e que, no entendimento dele, já davam sinais de que não tinham feito as melhores escolhas. Ao mesmo tempo, é compreensível que todos queiram e precisem trabalhar, isso seja em qual profissão for. Então, como equacionar essa

questão? Não sucumbir a convites que não lhe agradavam e, ao mesmo tempo, trabalhar, ganhar dinheiro e construir sua carreira?

Como parte de suas resoluções, entra o que ele chama de “laboratório de uma vida inteira”. Paulo conta que sua família é de mulheres fortes.

Elas são expansivas, elas são todas um “tom acima”, elas são histéricas, elas resolvem tudo, elas dominam tudo, elas são quase invasivas. Elas mandam, elas protegem, elas amam muito, elas decidem por todo mundo, tem muita opinião.<sup>18</sup>

Segundo o ator, as mulheres de sua família são feministas na vida, na conduta e no dia a dia, mesmo sem nunca terem feito parte de nenhum movimento. Seus exemplos familiares são de avó, tias e mãe que são figuras mais fortes e atuantes, dentro e fora de casa, do que os homens da família. Mulheres que sempre trabalharam fora, sustentaram a casa, cuidavam dos filhos e que tomavam a frente das situações e das decisões. Os pais de Paulo Gustavo se separaram quando ele ainda era bem criança e durante quase a vida toda Paulo morou com sua mãe e sua irmã. Mais velho o ator foi morar com o pai, Júlio, e a esposa do pai, “tia Penha”, duas referências muito importantes e sempre presentes na vida do ator. Todavia, a referência da mãe, Dona Déa, é a mais sensível e proeminente. Para quem conhece, Déa é de fato uma personagem. Muito comunicativa, alegre, cheia de opiniões, fala alto e dá bronca quando acha que tem que dar. Déa, hoje professora de artes aposentada do estado, também é cantora e durante muitos anos cantou na noite, em festas, bodas e casamentos para complementar a renda da família. Segundo ela, a “veia artística” o filho puxou dela. Fui a alguns shows da Déa, há muitos anos atrás, num restaurante/bar e espaço cultural chamado “Pau Brasil”, em Niterói, hoje já extinto. O repertório era de boleros e música popular brasileira. Numa dessas ocasiões, Paulo subiu no palco e cantou uma música com sua mãe, um passatempo que cultivava desde novo, muito provavelmente por influência da mãe.

Com todo esse vasto e rico material de vida, pode-se pensar que Paulo Gustavo já teria todas as razões e motivações para criar a “Dona Hermínia”. Entretanto, a meu ver, cabe ainda uma análise sociológica da categoria mãe na sociedade brasileira. O antropólogo Luiz Tarlei de Aragão, no artigo “Em nome da mãe”, escreveu sobre a família como instituição lapidar de nossa sociedade, e a “esposa-mãe” como categoria focal no

---

<sup>18</sup> Entrevista feita com Paulo Gustavo em setembro de 2018.

interior dessa instituição. Para o autor, “esta é uma sociedade ‘relacional’, na qual fora da família não há salvação.” (ARAGÃO, 1983, p. 114).

Em seus estudos, o autor identifica em nossa sociedade a herança de um passado escravocrata e colonial que se atualiza em direitos de “precedência e de privilégios, de cada ator, ou segmento social, sobre o outro.” (1983, p. 114). A instituição da família e a categoria esposa-mãe são responsáveis pela produção de representações, determinações e comportamentos sociais que não se restringem ao doméstico ou ao privado e invade a esfera pública, o plano político-cívico-social (1983, p. 115). O fato de pertencermos a uma sociedade ainda predominantemente machista e patriarcal não vai de encontro às reflexões e análises do autor, muito pelo contrário. É nestas sociedades onde há a necessidade de “controle restrito da ‘natureza feminina’, que se expressa, mormente através do controle das manifestações da sexualidade”. O feminino representa as “forças disruptivas e incontroláveis da natureza” (p.117-118). E como forma de controle, ocupa a posição central de um espaço particularmente sacralizado – o lar – enquanto categoria esposa-mãe, que deve ser “protegida” – santificada (p. 122).

Um dado curioso citado pelo autor, que morou mais de dez anos fora do Brasil, é o grau que uma ofensa pode atingir ao falar mal da mãe do outro no Brasil. Desta forma, ameaçando e questionando a posição [logos estrutural] e o valor [logos cultural] que a categoria esposa-mãe ocupa em nossa sociedade.

Daí o grau particular de sensibilidade e de suscetibilidade que essas duas categorias (e a segunda em particular) representam para o brasileiro. Nem todas as sociedades consideram destratar-se a mãe do parceiro social como o xingamento maior, sinônimo da mais radical desconsideração. Eventualmente, chamar-se o contendor de “vagabundo” ou “sujo” poderá produzir o efeito procurado de desmoralização de forma mais contundente (ARAGÃO, 1983, p. 115).

“Dona Hermínia”, alter ego de Dona Déa, talvez seja hoje um dos maiores emblemas da categoria esposa-mãe em nossa sociedade. Figura central no interior de sua família, sendo ela temida e respeitada por todos os membros que dela fazem parte, não restringe seu espectro de ações e influências ao doméstico e privado, expande-se à esfera pública. De encontro a isso, há também na sociedade e na esfera pública, o entendimento e o consenso de se respeitar e mesmo de conceder precedência a suas ações. “Dona



Hermínia”, enquanto representação da categoria esposa-mãe, incorpora a sabedoria e a “força incontrolável da natureza”, e por isso deve ser “ouvida” e mesmo obedecida. Desobedecê-la ou ir contra “a natureza” é ousar mexer e incitar forças pelas quais não se tem controle.

A partir dessas análises podemos entender tamanha aderência e ressonância da personagem com o público. Guardando particularidades, “Dona Hermínia” é a representação da mãe brasileira, que tem e faz uso de sua autoridade tanto no seio da família quanto fora dela. Se “Dona Hermínia” adentra um teste de teatro, como acontece na peça “Minha Mãe É Uma Peça”, para intervir por sua filha, que quer se atriz, mas ela é contra [num primeiro momento], ela o faz sob a autoridade de “mãe”, direito inabalável em nossa sociedade. Como resposta, tem o consentimento dos que estão aplicando o teste pela “irrupção” feita. O doméstico invade a esfera pública. Esta cena, que desavisadamente pode nos parecer caricata, ficcional, “de teatro”, há de se perceber, entretanto, que alude a muitas situações cotidianas em nossa sociedade. Não é difícil presenciarmos indivíduos, e mesmo nós, pois estamos imersos em nossa cultura, evocando a família, a mãe ou a esposa em questões e conflitos que deveriam estar circunscritos a esfera pública.

A antropóloga Laura Graziela Gomes (1998), uma das pioneiras no estudo de telenovelas brasileiras, em seu livro “Novela e sociedade no Brasil”, discute a questão da representação do mundo doméstico de nossa sociedade na televisão brasileira. Em seus estudos, a antropóloga demonstra que, segundo a telenovela, a nossa sociedade é vista pelo prisma do domínio da casa, especialmente as questões de família, de parentesco, o mundo doméstico. Nunca do espaço público. Exemplo disso é a pouca representatividade que os trabalhos, as profissões das personagens tomam na trama. Assim, as principais contendas, a força das relações é sempre representada no mundo fechado da casa, da família: “notadamente aquelas referentes à construção da ordem social, da verdade e, portanto, relacionadas às formas de controle social e de resoluções de conflito” (1998, p. 13).

A personagem central de “Minha Mãe É Uma Peça” não é produto direto das telenovelas, mas podemos entender como resultado dessas representações. Tanto do ponto de vista do ator, sendo ele indivíduo-telespectador-criador imerso em nossa sociedade, quanto do ponto de vista do espectador, a plateia, que se vê representada na personagem e em sua trama. Como resultado dessa fórmula, observamos uma enorme ressonância com o público e a escalada de sucesso da peça.

Não obstante, é importante termos a compreensão de que “Dona Hermínia” é a representação da esposa-mãe em nossa sociedade e não em termos universais. Na

antropologia estudamos e verificamos que não há uma mesma explicação social dos elementos que constituem as culturas. Clifford Geertz, em “O saber local”, que estudou o senso comum e a arte como sistema cultural, oferece importantes contribuições a essas discussões:

[...] à medida em que a linguagem de explicação social, com suas inflexões e suas imagens, se modifica, modificam-se também nosso entendimento do que constitui essa explicação, a razão pela qual a queremos, e como ela se relaciona com uma série de outras coisas que valorizamos. Não é só teoria, ou a metodologia, ou a problemática que se alteram, mas o próprio objetivo do empreendimento (GEERTZ, 1997, p. 17).

Ao contrário do que pensa o senso comum, o “senso comum” é um corpo de pensamento deliberado, um sistema cultural repleto de pressuposições e não baseado em critérios de inteligência e discernimento (1997, p. 114, 115 e 117). O que o autor desenvolve em seu estudo é que não há nada óbvio e dado em uma cultura, como se o entendimento e a interpretação fossem meras consequências do que está diante de si. O senso comum é um sistema cultural que está inserido e faz parte de uma cultura, como uma estrutura para pensamento; um corpo de crenças e juízo. Essa estrutura de pensamento é tão autoritária e dogmática quanto qualquer outra, seja religião, o direito, ou até mesmo a ciência e a arte (p. 127):

Em suma a provisão de certos dados não significa que todo o demais é mera consequência. O bom senso não é aquilo que uma mente livre de artificialismos apreende espontaneamente; é aquilo que uma mente repleta de pressuposições – o sexo é uma força que desorganiza, ou um dom que regenera, ou um prazer prático – conclui. Deus pode ter feito os intersexuais, mas o homem fez o resto (GEERTZ, 1997, p. 127).

A arte não está excluída dessa lógica, ao contrário, é um sistema cultural que funciona através de mecanismos similares ao do senso comum. Apesar do que possa parecer, a arte não existe em um mundo próprio e nem “fala por si mesma”. O que Geertz discute em seu trabalho é que falar sobre arte unicamente em termos técnicos não é o suficiente para entendê-la e para entendê-la, é necessário “[...] incorporá-la na textura de

um padrão de vida específico. E esta incorporação, este processo de atribuir aos objetos de arte um significado cultural, é sempre um processo local [...]” (1997, p. 146).

Desta forma, podemos entender que a personagem “Dona Hermínia”, enquanto representação da categoria esposa-mãe em nossa sociedade, está incorporada ao nosso tecido social sob a ótica do *nosso* senso comum e, da mesma forma, se revela como objeto de arte, uma produção artística atribuída de significado cultural, em decorrência de um processo local. “[...] os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis” (1997, p. 148).

O monólogo “Minha Mãe É Uma Peça” estrou em 2006, no Teatro Candido Mendes.<sup>19</sup> Começou num teatro pequeno, de sexta a domingo, e em dois meses já havia sessões extras. No entanto, estas sessões não foram suficientes para atender a procura e logo o ator teve que expandir a agenda, ficando em cartaz de terça a domingo e mantendo as sessões extras de sexta a domingo. Um fenômeno de público e crítica. Com menos de um ano de espetáculo o ator teve de ir para um teatro maior, o Teatro Leblon,<sup>20</sup> e o mesmo processo aconteceu: sessões extras de sexta a domingo e abrir mais dias da semana para atender a procura do público. Os ingressos se esgotavam com semanas de antecedência, havia filas enormes na bilheteria. Com tamanho sucesso, Paulo começou a alçar voos mais altos e a se apresentar em casas de shows. Foi quando se apresentou no antigo Citibank Hall,<sup>21</sup> com três mil lugares. De início, fez apresentações avulsas e pontuais, sem deixar de estar em cartaz no teatro. Mas não tardou muito a estas apresentações passarem pelo mesmo processo. Mesmo sendo uma casa de show, Paulo abriu sessão extra, fazendo duas apresentações numa mesma noite, num total de seis mil espectadores. O mais comum a muitos artistas que se apresentam em casas de show é se apresentar uma ou duas noites num mesmo final de semana. Muito raramente os artistas fazem dois finais de semanas seguidos. Com Paulo foi diferente, já ficou em cartaz um mês inteiro na casa de show Vivo Rio.<sup>22</sup> Paulo Gustavo tem uma trajetória muito particular, muito própria. E isso se deve muito a ele mesmo. O ator é o seu próprio empresário. Ele sempre teve a ousadia de pensar grande e de acreditar que é possível. Recordo-me de presenciar muitas situações em que pessoas próximas e zelosas ficavam por vezes receosas dele estar apostando muito alto em alguma ideia, mas ele tinha tanta convicção de que ia dar certo, que dava. É realmente algo singular, não muito fácil de se ver.

---

<sup>19</sup> Teatro Candido Mendes, em Ipanema, RJ. Capacidade de 103 lugares.

<sup>20</sup> Teatro Leblon, Leblon, RJ. Capacidade de 410 lugares.

<sup>21</sup> Hoje KM de Vantagens Hall, Barra da Tijuca, RJ. Capacidade de 3.000 lugares sentados.

<sup>22</sup> Vivo Rio, Parque do Flamengo, RJ. Capacidade de até 5.000 pessoas em pé.

“Minha Mãe É uma Peça” já rodou o país inteiro inúmeras vezes e sempre quando retorna as mesmas cidades as casas de espetáculos estão cheias, com sessões extras e com um contingente enorme “reclamando” que não conseguiu comprar o seu ingresso. Em 2013 a peça virou filme e foi a maior bilheteria do cinema nacional daquele ano, atingindo a marca de 4,7 milhões de espectadores. Um feito extraordinário para o cinema nacional e ainda mais para o Paulo, sendo este o seu primeiro filme autoral. Paulo já havia feito participações em longas metragens, como no filme “Divã” [2009], da atriz Lilia Cabral. Mas “Minha Mãe É Uma Peça” é um projeto seu, de sua autoria, de sua personagem, de sua vida. Em 2015 a continuação do filme estreou nos cinemas e “Minha Mãe É Uma Peça 2” atingiu a incrível marca de 10 milhões de espectadores. É considerada uma das maiores bilheterias da história do cinema nacional. Uma marca maior do que muitos filmes internacionais fazem aqui no Brasil, mesmo tendo um elenco de atores internacionais e famosos e uma máquina de publicidade *hollywoodiana*. Este é um traço característico na trajetória artística do ator: ele rompe barreira, quebra tabus, faz acontecer o que muita gente duvida. Ele abarca os seus projetos por inteiro. Paulo escreve, atua, dirige, produz, fecha os contratos, articula a divulgação dos projetos e, hoje, distribui os seus próprios filmes. Paulo abriu uma distribuidora para trabalhar os seus próprios filmes. Logo que fez o seu primeiro longa-metragem entendeu que essa era uma peça fundamental e valiosa da engrenagem. Não à toa, esse é um nicho extremamente fechado, onde pouquíssimos empresários atuam nele. Hoje Paulo Gustavo só se apresenta em grandes teatros, que comportem uma média de duas mil pessoas. Seu público e a demanda pelo artista são tão grandes que casas de shows, ginásios e mesmo estádios dão conta de receber o ator e seus espetáculos, similar a um astro da música pop. Paulo já fez apresentações, em um só noite e de uma só vez, para dez mil espectadores.

## CAPÍTULO 2: A RELAÇÃO COM O PÚBLICO

### 2.1. Interação Ator | Personagem – Público Teatro

A interação do ator com o público começou, efetivamente, com o espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça”. É a partir deste momento que ele começa a cultivar uma interação direta com o seu público e que só cresceria dia após dia. Paulo Gustavo, desde sua estreia no Teatro Candido Mendes, implantou a praxe de ir falar com os espectadores que lhe aguardavam ao final do espetáculo. No início eram poucos. Primeiramente pela própria capacidade do teatro, 103 lugares, sem contar que, o costumeiro é que a maioria vá embora logo que termina a peça. Em segundo, porque o ator estava começando, quase ninguém o conhecia. Os espetáculos “O Surto” e “Infraturas” lhe renderam bons elogios, contudo, não chegaram a lhe projetar para o grande público. Algumas pessoas já o tinham assistido, mas tudo ainda dentro de um universo muito pequeno.

O ator tinha acabado de estrear com a peça e quando saía do camarim se deparava com algumas pessoas querendo lhe cumprimentar. Muito simpático, o ator falava com cada um, cumprimentava, perguntava o que tinham achado e dessa forma fazia uma interação pessoal como todos que ali lhe esperavam. Era muito comum as pessoas falarem: “vou trazer minha mãe, ela é igualzinha a ‘Dona Hermínia’”, ou “vou trazer minha esposa”, “minha tia”. E Paulo simpaticamente aproveitava o gancho e respondia: “traz sim, traz a família toda, os amigos”. Esta forma de trato, de relação que estabeleceu com o público e desde o primeiro momento, foi determinante para a construção de sua paleteia e de futuros fãs. Aos poucos e gradativamente, isso foi gerando um “boca a boca” fundamental, tanto para o êxito do espetáculo quanto de sua imagem como artista. O público que começava a lotar o teatro, recomendava a peça para os amigos e familiares e estes já iam à expectativa de, ao término do espetáculo, poder falar com o ator da peça. O contato entre público e artista sempre gerou certo *frisson*,<sup>23</sup> como algo que está fora da rotina, de conhecer de perto “alguém especial”. Este *frisson* estaria incutido na ideia de carisma<sup>24</sup> que alguns artistas e outras personalidades possuem e que atraem um séquito de seguidores, de

<sup>23</sup> Emoção em francês.

<sup>24</sup> Conceito de carisma de Max Weber: significado literal “dom da graça”. Weber têm como arquétipos de líderes carismáticos heróis militares, profetas e políticos que, através de seus movimentos entusiásticos, “por vezes as barreiras de classe e *status* dão lugar à fraternização e aos sentimentos comunidade exuberantes”. Para Weber, “A burocracia e outras instituições, especialmente as da família, são consideradas como rotinas da vida cotidiana de trabalho; o carisma se opõe a todas as rotinas institucionais, as da tradição e as sujeitas ao controle racional.” E completa: “Uma situação autenticamente carismática é direta e interpessoal” (WEBER, 1971, p. 70).

entusiásticos admiradores. Para além da emoção de conhecer o artista de perto, havia de fato a curiosidade de saber quem era aquele ator. A personagem “Dona Hermínia” é de elaborada caracterização, tais como, peruca e bobes de cabelo, forte maquiagem, figurino, trejeitos e voz pertinentes à personagem. Desta forma, depois do espetáculo, quando Paulo Gustavo aparecia de “cara limpa”, sem cabelo e vestido como ele mesmo, as pessoas arregalavam os olhos numa reação de “Uau! Então é ele quem faz a ‘Dona Hermínia’”.

A dúvida e a curiosidade sobre quem fazia a personagem pairaram ainda durante algum tempo, até que o ator ficasse realmente conhecido. Morrendo rir, Paulo conta um fato curioso, de que o público mais velho, em geral “senhorinha”, achava que a peça era com a atriz Marieta Severo. Essa era uma informação que corria num determinado segmento do público e que chegava até ele, quando conta: “Todo mundo que era mais ‘senhorinha’ e assistia à peça falava ‘acabei de ver uma peça com a Marieta Severo que é maravilhosa’. As pessoas divulgavam ‘já viu aquela peça com a Marieta Severo?’”. As “senhorinhas” chegavam à bilheteria e perguntavam “essa é a peça com a Marieta Severo, né?!”. Tempos depois Paulo veio a conhecer a atriz e contou para ela a “confusão” do público. Os dois morreram de rir.

Esta anedota nos serve para observar um aspecto importante da construção da personagem “Dona Hermínia” e na do artista Paulo Gustavo e que, por sua vez, tem implicações também importantes na construção de seu público. Durante algum tempo houve certa dúvida sobre quem fazia a personagem, principalmente no segmento mais velho do público. Desta forma, percebemos que houve nessa singular situação uma confusão sobre a identidade de gênero do artista, uma vez que não havia ainda a certeza de quem desempenhava a personagem. Nos primeiros meses, tanto a peça quanto o artista estavam em pleno processo de ascensão e, portanto, não eram ainda de conhecimento do grande público. Mas se havia dúvidas sobre quem desempenhava a personagem, não havia sobre a *performance*<sup>25</sup> de gênero apresentada – uma mulher. E não qualquer mulher. Uma mulher da categoria esposa-mãe. Este é um aspecto bastante interessante, pois temos de pensar que a “Dona Hermínia” é interpretada por um homem, numa sociedade conservadora e machista como a brasileira. Isto não só não significou um “problema”, no

<sup>25</sup> Neste momento refiro-me ao conceito de *performatividade* da filósofa Judith Butler, em que gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significado. Para Butler gênero é *lócus* imitativo, uma “peça teatral”, onde a representação (*ser homem* ou *ser mulher*) é realizada em cima da ideia de um original. O que Butler chama de **paródia**, pois é uma imitação sem original. Imitação de uma ideia de original que na verdade inexistente. A *performatividade* está sempre em movimento, é fluida e se desloca (BUTLER, 1990). Judith Butler é uma das maiores teóricas contemporâneas sobre os estudos de identidade de gênero. Não há como mencionar o conceito sem fazer referência ao seu legado. Contudo, não é a proposta deste trabalho adentrar em profundidade neste tema.

sentido de não ter sido rechaçada nem rejeitada pelo público quando este ganhou consciência de que era um ator que interpretava, mas como ocorreu o inverso. A surpresa e a constatação de saber que era um ator por trás da personagem gerou muita simpatia e foi angariando cada vez mais fãs e admiradores. Afinal, via-se na *performance* [desempenho] do artista uma exitosa interpretação de ator, feita com esmero e em homenagem a “mãe” brasileira.

Paulo conta que se baseou no estereótipo da dona de casa para compor a personagem. No seu entendimento, “Dona Hermínia” não é submissa a nada, ela é o oposto. Contudo, é uma mulher madura, de uma determinada geração e que carrega consigo determinados valores e comportamentos. A personagem está sempre “composta”, usando um vestido casual e confortável que permite tanto ficar em casa e desempenhar os afazeres domésticos quanto ir à rua para comprar alguma coisa de última hora, ou receber alguém do dia a dia. Por isso também usa sempre um sapato ou sandália rasteira, mais confortável e prática. Os bobes no cabelo da mesma forma, pois se tiver que sair as pressas e só tirá-los e o cabelo já ‘tá’ arrumado. Está sempre “organizando”, “consertando” ou “limpando” alguma coisa. Esses elementos o Paulo foi “achando” ao se inspirar em sua própria mãe, nas mães de amigos e do que observava na rua. O fato de “Dona Hermínia” não ser submissa não à tira, ao mesmo tempo, de um determinado “universo”, que é o da dona de casa, mãe, às voltas com os filhos, às voltas com discussões de família, sempre preocupada e administrando um orçamento enxuto. Quando Paulo fala que se baseou no estereótipo da mãe brasileira e mesmo tendo ido para um caricato, é no entendimento de que ele se inspirou na representação da categoria esposa-mãe de nossa sociedade, no entendimento do *nosso* senso comum. Não houve a pretensão de se fazer uma mulher “cosmopolita”, “viajada”, “rica” ou “intelectualizada” e “sintonizada com tudo o que acontece no mundo”. Esta não é a típica mãe brasileira e não é a representação de mãe do ator Paulo Gustavo.

A aderência da personagem com o público está localizada neste lugar. A representação da família brasileira está sintetizada em “Minha Mãe É Uma Peça” e tem na figura da “Dona Hermínia” o eixo dessa instituição. Mesmo porque, a representação deste modelo não exclui outras variáveis. Com todas as particularidades e mesmo exemplos contrários existentes em nossa sociedade, “Dona Hermínia” encontra ressonância nas

famílias brasileiras em um ou mais aspectos, servindo como tipo ideal <sup>26</sup> da categoria esposa-mãe em nossa cultura.

A peça foi fazendo cada vez mais e mais sucesso e seu público foi crescendo em consonância com este fenômeno. Mesmo recebendo um público cada vez maior, Paulo não deixou a praxe de interagir com todos que lhe aguardavam ao final do espetáculo. Cumprimentava e tirava fotos. Após a apresentação e ainda sob a energia do teatro e do espetáculo, Paulo gosta do contato com o público, de interagir de perto, face a face. Este breve momento lhe permite aferir, receber e provocar sentimentos junto ao público que transcendem a objetividade racional de terem ou não gostado da peça. Esta interação tem em sua prática a função de retribuir o carinho que recebe do público e, ao mesmo tempo, continuar alimentando este carinho, este sentimento do público para com ele. Erving Goffman (1985) estudou o comportamento humano e a vida social pela perspectiva da representação teatral. Em “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, Goffman pensa as situações e interações sociais como “cenários”, onde indivíduos – atores sociais – “desempenham” papéis. Tal como numa cena de teatro, todos que fazem parte da interação têm seus respectivos papéis e agem na definição da situação, seja um [ou mais] indivíduo “principal”, sejam os interlocutores, ou os observadores. De um modo geral, há uma harmonia nesta interação, onde os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, o que Goffman chama de *modus vivendi* <sup>27</sup> interacional (1985, p. 18).

Quando Paulo aparece diante do público, que o espera ansioso do lado de fora do teatro, ele está projetando a definição de uma situação. Ele está no “papel principal” que vai pautar aquela situação. Todavia, segundo Goffman, mesmo o público que, naquele momento, parece ter um papel passivo, projetará também uma definição da situação, “em virtude da resposta dada ao indivíduo e por quaisquer linhas de ação que inaugurem com relação a ele” (1985, p. 18). Dada a posição do ator nestas situações, a influência dele na definição da situação é de tal modo que dá aos outros, no caso, o público que ali se encontra, a impressão de agir voluntariamente. No entanto, nem sempre o indivíduo tem o controle da definição da situação e nem a certeza de que sua comunicação será realizada de acordo com o que planejou. Goffman estuda em profundidade todos os tipos de

---

<sup>26</sup> Conceito de “tipo ideal” de Max Weber, onde o sociólogo cria tipos ou modelos ideais a partir de aspectos essenciais dos fenômenos, que desta forma servem como método comparativo. O “tipo ideal” é um conceito abstrato e que não existe na realidade, mas pretende apontar o caminho para a formação de hipóteses e de análises de casos concretos (WEBER, 1992, p. 137-138).

<sup>27</sup> Modo de viver, de conviver, de sobreviver.



comportamentos e os recursos cênicos e de práticas que dão aos indivíduos muitas possibilidades de ação e de desfecho das situações.

A expressão do indivíduo é feita pelo o que ele transmite e pelo o que ele emite. A expressão que ele transmite é realizada através de símbolos verbais e/ou seus substitutos, de forma proposital a fim de veicular uma informação com os outros que também dominam os mesmos símbolos. Já a expressão que ele emite é realizada através de “uma ampla gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator, deduzindo-se que a ação foi levada a efeito por outras razões diferentes da informação assim transmitida” (1985, p. 12). O que o trabalho de Goffman nos apresenta é que muitas vezes não há uma simetria entre o que é transmitido e o que é emitido entre os atores envolvidos na situação. Mesmo quando pensamos em indivíduos que se pretendem ser “estudados”, com seus gestos e ações calculados, há, ainda assim, elementos da comunicação que fogem ao controle, que são involuntários e que “denunciam” informações contrárias as pretendidas. As ações não governáveis dos atores podem validar ou não o que é transmitido. Mesmo aqueles que pensam terem gerência sobre o que seria não governável, em última instância, só têm consciência de um fluxo de sua comunicação, e não da comunicação em sua totalidade.

Aqui eu gostaria de acrescentar a indicação de que a arte de penetrar no esforço do indivíduo em mostrar uma intencionalidade calculada parece mais bem desenvolvida do que nossa capacidade de manipular nosso próprio comportamento. Deste modo, sejam quantas forem as etapas que ocorrerem no jogo da informação, o observador levará vantagem sobre o ator e a assimetria inicial do processo de comunicação com toda probabilidade será mantida (1985, p. 17-18).

Para melhor ilustrar essas discussões, trarei alguns exemplos de situações vividas pelo Paulo junto aos fãs. Mas para isso, primeiramente descreverei brevemente como funciona a dinâmica das apresentações.

Conforme já mencionado, o ator não deixou a prática<sup>28</sup> de ir falar com os fãs após os espetáculos. Porém, como o público foi aumentando substancialmente, o ator teve que

---

<sup>28</sup> “O padrão de ação pré-estabelecido que se desenvolve durante a representação, e que se pode ser apresentado ou executado em outras ocasiões, pode ser chamado de um ‘movimento’ ou ‘prática’” (GOFFMAN, 1985, p. 24, grifo nosso).

reorganizar a forma de interagir ao longo deste processo. Se no início a interação era feita sem nenhuma espécie de barreira e o ator ia sozinho, somente com um assessor do lado, falar com as pessoas [fãs],<sup>29</sup> tempos depois esse formato não foi mais possível. A equipe de produção do Paulo, juntamente com o próprio ator, teve de repensar este momento, uma vez que tanto o ator quanto público passaram a ficar em situação de risco. O que era uma situação tranquila passou a ser tumultuada. As pessoas querendo uma foto e um contato direto com o ator, iam para cima dele, e acabavam por puxar sua camisa e provocar, mesmo sem intenção, esbarrões uns nos outros. Tanto ator quanto o público ficavam numa situação incômoda e com riscos reais de se machucarem, como chegou a acontecer. Sendo assim, para resolver este problema e, ao mesmo tempo, não extinguir este momento de interação, a produção passou a colocar grades do lado de fora dos locais de evento, ao término do espetáculo. Desta forma, o ator passou a se encontrar com o público através de grades que organizam as pessoas numa espécie de fila [dependendo do espaço não é possível fazer esta fila, ficando o público mais aglomerado], por aonde ele vai passando e tirando fotos com as pessoas. Temos de entender que de uns anos para cá, conforme mencionei no primeiro capítulo, o ator só se apresenta em grandes espaços, como casas de show e ginásios. Nos menores espaços o público de uma sessão nunca é menor do que duas mil ou três mil pessoas, sendo que ele sempre faz duas sessões por noite, tendo um intervalo de apenas uma hora entre uma sessão e outra. Por conta dessa dinâmica, é necessário fazer uma meticulosa logística, pois em uma hora de intervalo é necessário escoar o público da primeira sessão e fazer entrar o da segunda. Em paralelo e nos bastidores, o ator precisa se recompor [descansar e se alimentar] nesse espaço de tempo para a segunda sessão. Por todos esses fatores, o ator teve de passar a interagir com o público somente ao final da noite, após a segunda sessão. Vez ou outra ele foge a regra e dá um “alô” no final da primeira sessão, mas cada vez isso é mais raro, pois fica cansado ao término da peça e esse “alô” acaba por complicar a organização da produção.

Entendido como funciona a dinâmica das apresentações dos espetáculos, discorrerei sobre algumas definições de situação vividas por Paulo em suas interações com o público. Antes, porém, é necessário fornecer mais uma informação. Tal como houve o acréscimo de grades para separar e organizar o público, o mesmo se deu em relação à quantidade de

---

<sup>29</sup> “A fama, por sua própria natureza, supõe dois polos, opostos e complementares: o fã e o ídolo. Duas formas de vivenciar a mesma experiência, a compreensão articulada desses dois pontos de vista abre uma porta para a reflexão sobre a condição do indivíduo no mundo moderno.” “Praticamente qualquer pessoa pode assumir essa condição em algum momento da vida; todos nós, em algum momento, somos fãs de alguém. Tal abrangência torna difícil um recorte mais preciso desse universo.” (COELHO, 1999, p. 19).

seguranças contratados para a execução do espetáculo. O corpo de seguranças de um evento tem de ser proporcional e de acordo com o perfil e a quantidade de público que esse evento mobiliza. Dando um exemplo, nas apresentações realizadas em ginásios trabalham de quinze a vinte seguranças. É a partir dessa estrutura, de grades e seguranças que Paulo faz a representação de si <sup>30</sup> para o público após os espetáculos.

Há tempos atrás ele me contou como entendeu na prática a leitura e a projeção que o fã faz e espera do ídolo. Numa determinada noite de trabalho, tendo feito seu espetáculo e se preparando para ir ao encontro do público, Paulo, por um despojamento circunstancial e sem pensar muito sobre, decidiu por ir sozinho até a grade que o separa do público e foi falar com os fãs diretamente. Neste dia o tempo dele para esse encontro seria mais curto, por conta de outro compromisso que tinha na agenda. O normal, conforme explicado acima, é o Paulo aparecer nesse momento amparado pela infraestrutura que foi construída ao longo de todos esses anos e que hoje o cerca, como os seguranças que mantêm a situação sob controle e a equipe de assessores e produtores que coordenam o evento e monitoram o tempo do artista. Neste dia em questão ele apareceu mais desguarnecido dessa infra. Com um produtor e um segurança ao longe, ou algo do tipo. Sua intenção era fazer uma aparição mais rápida. Sendo assim, cumprimentou alguns fãs, tirou algumas fotos e se despediu das pessoas explicando que tinha de ir para outro compromisso. Foi quando Paulo se surpreendeu com a reação das pessoas. Passando pelo público, ouviu de alguns que ele estava “metido” e “deslumbrado”, que não estava dando a devida atenção aos fãs. Ao contrário do que havia imaginado, ter ido “sozinho” para o encontro e ter dito da própria boca que estava com pressa porque tinha um compromisso, não causou um bom efeito. Ele pensou que agindo de forma simples e espontânea seria bem entendido pelo público.

Paulo pensou que ao se encontrar com o público, como faz de costume, teria a mesma influência sobre a impressão causada e o mesmo controle da situação, sendo ele o indivíduo que, nesta situação, tem o papel de definir a situação. Mas como já analisado, os outros participantes, mesmo parecendo serem passivos na cena, também são definidores da situação. “[...] a interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata.” (1985, p. 23). Para que um indivíduo obtenha o controle da situação, é necessário que ele tenha consciência e domine algumas técnicas comuns que as

---

<sup>30</sup> A representação do artista “fora dos palcos” e despido de personagem para a sua plateia de fãs, que neste momento não mais assiste o desempenho da “Dona Herminia” e sim o do artista Paulo Gustavo.

pessoas empregam para projetar e manter as impressões, como também para saber lidar com possíveis contingências que surjam ao longo da cena. Naquele dia o ator não se deu conta de que ter ido ao encontro desprovido de determinados recursos e técnicas o deixaria vulnerável para uma inversão da impressão que pretendeu projetar. Desta forma, podemos analisar que, naquele dia, quem definiu a situação foi o público e não o ator.

Para que isto fique ainda mais claro, Paulo me relatou que fez a leitura daquele episódio, entendeu o que se passou e que, para confirmar suas elaborações, fez um “teste” numa oportunidade logo seguinte. Para servir como método comparativo de análise, no dia do “teste” ele também ficaria pouco tempo com o público. Faria uma aparição rápida e em seguida seguiria para outro compromisso. Sendo que, desta vez, ficou atento a todo o equipamento expressivo que constitui a cena e que Goffman denomina de “fachada”. Para o autor, fachada “é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação.” (1985, p. 29).

Goffman (1985, p. 29-31), em linhas gerais, divide a fachada em “fachada pessoal” e “cenário”. A fachada pessoal é constituída de itens do equipamento expressivo que de modo mais íntimo identificamos com o próprio indivíduo e que esperamos que o acompanhe onde quer que vá. São eles: distintivos da função ou categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais. Da mesma forma que, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais, altura e aparência. Podemos observar que alguns desses “veículos de transmissão de sinais” são relativamente fixos e não variam para o indivíduo de uma situação para outra. Ao contrário disso, pode-se observar que outros são relativamente móveis ou transitórios e podem variar de uma representação para outra ou numa mesma representação, como por exemplo, a expressão facial. O “cenário” se refere às partes cênicas do equipamento expressivo, como “a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos do pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele.” (p. 29). Em algumas circunstâncias específicas, o cenário acompanha os atores, como num enterro, cortejos e paradas cívicas (p. 29).

Enfim, na noite em questão e que elegeu como seu “laboratório de teste”, o ator fez uso de toda a fachada que tem direito e que lhe diz respeito para assim fazer o seu melhor desempenho, *comme il faut*.<sup>31</sup> Paulo apareceu para o público com seus assessores e produtores, todos devidamente equipados de rádios de comunicação, desempenhando seus

---

<sup>31</sup> Expressão em francês que quer dizer “como tem que ser”, no sentido da melhor forma.

papéis de “amparar” e conduzir o ator na situação. Desta vez havia todo o corpo de seguranças compondo a cena, uns mais atrás dele outros perto da grade. Paulo ficou pouco tempo, falou com alguns, tirou fotos, mas não se demorou. Assinalou para o público que tinha de ir, pois tinha compromisso. Ele conta que a reação foi diametralmente oposta a da outra vez. O público gritava por ele, dizia o quanto o amava e que ele era o máximo. Chegou a ouvir “um exemplo de humildade”.

Como podemos analisar que, na vez que Paulo foi mais despojado e apareceu sem a habitual infraestrutura que o acompanha, se apresentando desconexo da habitual fachada pessoal de “artista” e sem os devidos recursos cênicos, ele foi visto pelo público como “deslumbrado” e “metido”. Na ocasião seguinte, tendo aparecido com todo o aparato, cercado de assessores e seguranças, num desempenho teatral em acordo com o cenário, foi visto de forma “humilde” e ouviu muitas declarações de carinho. Conforme vimos, exceto em situações excepcionais, o cenário acompanha o ator. Todavia, em geral, Goffman destaca que:

O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar atuando até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixa-lo (GOFFMAN, 1985, p. 29).

Em circunstâncias muito específicas, o ator teve alguns episódios em que se pode pensar que o “cenário” o acompanhou, como nos lançamentos dos seus filmes, alguns eventos da classe artística onde foi o mestre de cerimônias ou recebeu algum prêmio. De todo modo, nos exemplos citados, os elementos cênicos [assessores e seguranças] que compuseram tais cenas e fizeram parte da interação, foram substancialmente reduzidos, compondo um “cenário” mais enxuto, com alguns poucos o acompanhando e realizando suas respectivas funções [desempenho] de trabalho.

O ator está em cartaz desde 2006, quando estreou “Minha Mãe É uma Peça”, De forma praticamente ininterrupta, engatou uma peça após a outra. Em 2010 estreou o espetáculo “Hiperativo” cujo título faz uma alusão ao jeito inquieto e agitado do ator. Este era uma espécie de *stand-up*, onde o ator se apresentava “como ele mesmo” e contava uma sequencia de histórias engraçadas e inusitadas pelas quais já tinha passado. Em 2014 estreou o espetáculo “220 Volts”, um misto de musical, com corpo de bailarinos e quadros

de esquetes. Nele representava vários personagens de sua criação e que já tinham sido apresentados para público em um programa de TV homônimo, do canal Multishow [2011], e do qual falarei mais a frente. Dois anos depois, em 2016, estreou o “Online”, espetáculo também em formato de esquetes, mas que, em certa medida, tinham algum encadeamento entre uma cena e outra. Neste o ator contracenava com um elenco para tratar dos tempos atuais de “hiperconectividade” com a internet e dos modernos dispositivos eletrônicos de intermediação vigentes na sociedade. Todos esses trabalhos foram encadeados um no outro, sem praticamente tirar férias. Em determinados momentos o ator excursionou com dois espetáculos ao mesmo tempo, “Minha Mãe é Uma Peça” e “Hiperativo”. A peça de “Dona Hermínia” era apresentada na primeira sessão e o “Hiperativo” na segunda. Foi através de todos esses anos ininterruptos de trabalhos nos palcos, tendo ele excursionando diversas vezes pelo Brasil e sempre interagindo pós-espetáculo com a plateia, que Paulo foi formando e crescendo cada vez mais o seu público e conquistando inúmeros fãs pelo país.

## **2.2. Ator | Personagem – Público TV**

Conforme mencionado no primeiro capítulo, trabalhar na TV nunca foi à meta principal do ator. Segundo seu depoimento e que pode ser averiguado no desenrolar de sua carreira, ser um ator de teatro era o seu maior objetivo. Trabalhar no teatro, viver do teatro. Em muitas de nossas conversas ele recorrentemente enfatiza que gosta da “energia” do teatro, da dinâmica de trabalho do teatro e que é neste ambiente que ele se sente pleno, no seu habitat. Para ele, chegar ao teatro, se envolver com toda a atmosfera do espetáculo, se preparar, escutar o burburinho do público chegando e finalmente, abrir a cortina e se apresentar, são sentimentos e experiências únicas e inigualáveis. Quem convive e trabalha com ele de perto entende e percebe o que diz. Paulo costuma chegar com horas de antecedência no teatro, muito mais do que seria o necessário para a sua preparação. Isto porque ele quer falar com todos, checar todos os detalhes, saber pessoalmente os pormenores de tudo o que está acontecendo. Em todas as apresentações faz passagem de som para verificar se o “grave”, o retorno ou altura do som está correta e se em todos os setores do teatro a qualidade de recepção é a mesma. O mesmo faz com a luz do espetáculo. A cada apresentação checa com o iluminador se está tudo perfeito e se notar algo diferente faz todos os ajustes com o profissional até que fique satisfeito. Uma observação interessante a se fazer sobre o ator é que ele une duas características que poderiam ser antagônicas, porém, nele se complementam e resultam numa das suas

maiores potências: a de ser perfeccionista e exigente com tudo que diga respeito ao espetáculo e, ao mesmo tempo, fazer tudo isso envolto também de muitas brincadeiras e “palhaçadas”. No momento em que está no palco, checando luz e som, é também o momento que resolve cantar uma música, dançar e contar alguma história engraçada que faz todo mundo rir. No meio de um assunto sério, resolvendo alguma questão, pode de repente fazer uma tirada engraçada em cima da própria situação e provocar gargalhadas geral. É desta forma, com extrema seriedade, alto grau de exigência intercalada com muito humor e piadas, que ele conduz e gerencia de perto tudo que se passa ao seu redor. Nada passa despercebido. Pode sair cantando e dançando pelo camarim e corredores do teatro e ao mesmo tempo ser capaz de perceber algo “fora de lugar”.

Como exemplo dessa concentração e desconcentração simultâneas do Paulo, várias ideias e criações artísticas surgiram exatamente nestes momentos. A personagem “Senhora dos Absurdos” é um desses casos. O ator tinha mandado fazer, sem nenhum propósito específico, uma determinada dentadura. Tal como encomenda e compra perucas, o ator está sempre adquirindo itens de figurino e de caracterização para as suas “brincadeiras criativas”, suas elaborações particulares. Digo “brincadeiras” porque em grande medida é assim que o processo criativo do ator começa. De repente ele tá no camarim, bota uma peruca, improvisa um texto, faz uns trejeitos e encarna um tipo engraçado. Em geral, os primeiros a assistirem os germes de suas criações são a equipe de produção da peça [produtores, assessores, camareira, cabelereira e demais] e amigos mais próximos que por ventura estejam com ele no camarim, algo por sinal muito comum. Foi num desses momentos, testando e “brincando” com a dentadura que acabara de adquirir, que Paulo começou a dar vida a uma senhora milionária, preconceituosa e que só falava absurdos. A “palhaçada” interna, feita para a plateia dos bastidores e que provocou muitas gargalhadas, começou a ganhar vulto e a ser incrementada. A partir da dentadura o ator “achou” a peruca que melhor compunha o perfil daquela “figura”. Com a “denta” [como ele apelidou] e a peruca, todo o resto veio no rastro. Dentro do camarim Paulo parece estar numa usina de criações. Lá brinca, imita e faz troça, se monta e desmonta e dá asas a imaginação. No caso da “Senhora dos Absurdos”, de início fez uns vídeos “caseiros”, para ele mesmo e os amigos mais próximos. Por conta da reação de todos, que não tinha quem não achasse hilário, o ator decidiu-se por fazer algo um pouco mais elaborado. Escreveu um texto para a personagem sobre “minorias” e lançou o vídeo num canal de humor da internet, chamado

“Anões em Chamas”.<sup>32</sup> O vídeo teve uma ótima recepção de público e a partir dessa experiência ele pode aferir o potencial da personagem.

Em paralelo a todo o sucesso do ator nos palcos, obtendo reconhecimento de público, crítica e classe artística, Paulo começou a receber convites para trabalhos na televisão, no caso, a TV Globo. Sendo que, naquele momento, os convites já lhe chegavam de outra forma. O que no início lhe parecia um “atalho” perigoso, de aceitar precocemente convites não muito interessantes, simplesmente porque eram da “TV Globo” e assim correr o risco de acabar num certo “limbo”, anos depois, a configuração era outra. O ator já não era tão iniciante e inexperiente, ao contrário, era ele o responsável por um grande sucesso dos teatros. Fazer TV e cinema era também suas pretensões. Como ele me disse, “é um sonho de todo ator poder fazer teatro, TV e cinema”, desta forma, o ator tem a possibilidade de experimentar se expressar nas três diferentes vertentes que contemplam a atividade de ator. O que ele enfatiza é de que não queria se atropelar nesse processo, até porque, desde cedo, ainda na CAL, teve o entendimento de que era no teatro que queria fincar suas bases. Sendo assim, naquele momento, ter uma experiência na TV era um novo desafio oportuno a se colocar, pois se sentia mais preparado e seguro para este desempenho.

Na época, os convites que recebeu da emissora também lhe eram mais interessantes, condiziam com os passos que queria dar. Eram convites para participações especiais, de forma pontual, em seriados de comédia da TV Globo, como “A Diarista”, “Minha Nada Mole Vida”, “Divã”, dentre outros. Estes programas eram com artistas renomados da casa, exibidos semanalmente. Neste formato o ator pode fazer suas primeiras experimentações e incursões na TV sem ter de se “prender” a ela. Não era interessante para ele, mesmo naquele momento de início de carreira e em se tratando de TV Globo [ainda hoje a maior emissora de TV do país e líder de audiência], ter contratos que o prendesse a um determinado formato de trabalho. Ser contratado “da casa” e estar à disposição para ser escalado em produções que não lhe agradavam e que poderiam interferir na sua dedicação ao teatro, não eram de seu interesse. Estar em cartaz de sexta a domingo e ter de viajar com a peça lhe restringiam de estar à disposição para a TV e, sendo assim, sua escolha era o teatro.

---

<sup>32</sup> Canal de vídeos de humor no Youtube. Teve como seus fundadores e colaboradores alguns dos integrantes que posteriormente criaram outro canal de humor, chamado “Porta dos Fundos”. Dentre alguns dos criadores e colaboradores de ambos os canais estão: Gregório Duvivier, Fábio Porchat e Ian SBF. “Anões em Chamas” foi criado em 2010 e até a presente data [23 nov. 2018] continua em atividade.



A liberdade de escolha artística é um valor que o ator nunca abriu mão, desde o início de sua carreira. Este discernimento de não se seduzir por um sucesso fácil e efêmero lhe propiciou um caminho mais autoral, gradativo e que desta forma, ao seu próprio passo, lhe permitiu ir percebendo e entendendo o que queria e o que não queria. Traçar a sua própria carreira e não se deixar levar simplesmente pelo que ia se apresentando era desde o início uma atenção que se colocava e ainda hoje prevalece. As propostas chegavam e este é de fato o fluxo do processo, contudo, saber pausar, escolher e não ter pressa foi e é até hoje suas características.

Paulo chegou a gravar alguns pilotos para a TV Globo que não foram aprovados. Eram programas de comédia, no formato de seriado e que se aprovados, entrariam na grade da programação no mesmo formato dos que fez participação especial.

Foi trilhando o seu próprio percurso, artesanalmente, que Paulo estreou o seu programa de TV. Não tendo sido aprovado os pilotos que gravou e não se interessando pelos convites que recebia, o ator decidiu-se por elaborar o seu próprio programa e vendê-lo a um canal de TV a cabo – o Multishow. Paulo já tinha alguns “rascunhos” de personagens em seu “cardápio”, fruto dos tipos e imitações que fazia advindas das suas observações do cotidiano, como a “Senhora dos Absurdos”. Junto com o seu amigo Fil Braz [formado em Letras, na época era professor de português e literatura de ensino médio do estado do Rio] e hoje roteirista, elaborou uma série de tipos, de personagens e escreveu a sinopse de um programa. Paulo e Felipe pensaram num programa de comédia, em formato de seriado, contendo treze episódios. Um episódio por semana, divididos em quadros de esquetes de personagens. Cada episódio teria um tema, onde todos os personagens, cada um ao seu modo, tratariam do assunto. Muitos personagens foram criados ao longo desse processo, tais como, “Senhora dos Absurdos”, “O Nerd”, “O Playboy”, “A Piriquita”, “Mulher Feia” e muitos outros. Paulo tem no repertório mais de vinte personagens de sua criação. Com este projeto em mãos, Paulo pediu e conseguiu uma reunião com o diretor geral do canal Multishow, Guilherme Zattar, para apresentar a sua ideia. Nos mesmos moldes que anos atrás marcou uma reunião com a diretora do Teatro Candido Mendes para apresentar o projeto do “Minha Mãe É Uma Peça”, Paulo assim o fez com o diretor do canal para apresentar o projeto de seu programa para a TV. Apresentou o projeto, os personagens, trouxe consigo o sucesso de “Minha Mãe É Uma Peça” – a “Dona Hermínia” – e desta forma fechou seu primeiro contrato com a TV, um ano com o canal Multishow. Paulo gravou os treze episódios em menos de um mês, cedendo sua própria casa como locação e estreou o programa em 25 de outubro de 2011.

A primeira temporada estreou e fez sucesso absoluto. Ficou em primeiro lugar de audiência dos programas de TV a cabo.<sup>33</sup> Com tamanho sucesso, Paulo renovou o seu contrato com o canal por mais uma temporada. Novamente repetiu o sucesso, ficando também em primeiro lugar de audiência dos canais de TV pagos. O programa teve quatro temporadas consecutivas, de 2011 a 2013. A partir desse histórico, o ator passou a renovar seus contratos com o Multishow a cada dois anos. Até hoje funciona desta forma e é porque ele prefere que seja assim. Como disse em nossas entrevistas, não gosta de sentir “preso” por muito tempo, prefere ir renovando e manter sua liberdade de escolha. Em 2016 fez uma quinta temporada “comemorativa” do programa, para celebrar junto aos fãs um dos programas mais queridos e saudosos da recente história do canal. A escolha por se manter até hoje como contratado do canal é por poder exercer a sua liberdade artística dentro e fora do Multishow. Todos os programas que faz na casa passam antes pelo seu crivo. Ele tem poder de escolha e de decisão. Da mesma forma que as dinâmicas de gravações sempre se adequam a sua rotina no teatro e não o contrário.

Paulo estreou seu próprio programa de TV em 2011, já tendo na bagagem cinco anos de “Minha Mãe É Uma Peça” e um ano do espetáculo “Hiperativo”, que estreou em 2010. Nesta época, já havia viajado pelo Brasil, expandindo e angariando cada vez mais público. Contudo, há de se analisar que estar em atividade na TV eleva e muito a projeção de um artista em âmbito nacional. A TV, por ser um veículo de massa, próprio da indústria cultural, massifica a imagem pública do artista, o colocando em outro patamar de visibilidade. Mesmo em se tratando de um canal de TV a cabo, ou seja, não sendo uma TV Globo, ainda assim o alcance de público é substancialmente maior do que uma peça de teatro consegue alcançar. Um programa de TV como “220 Volts” consegue chegar, em tese, as menores cidades de todo o país, contanto que se tenha contratado pelo serviço. Já uma peça de teatro, mesmo de êxito como a do ator, não tem o mesmo poder de articulação. Viajar com um espetáculo requer uma infraestrutura e um grau de investimento que acaba por limitar, numa certa medida, a plena circulação pelo país. Para além das questões que envolvem a própria turnê dos espetáculos, tem de se levar em conta as limitações de acesso do público aos locais de espetáculos. Geralmente se apresentando nos grandes centros urbanos das capitais, é necessário analisar que os indivíduos que estão localizados nas periferias desses centros muitas vezes não têm condições de fazer os

---

<sup>33</sup> Informações sobre o programa “220 Volts”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/220\\_Volts\\_\(s%C3%A9rie\\_de\\_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/220_Volts_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))>. Acesso em: 24 nov. de 2018.

respectivos deslocamentos. Outro aspecto é o valor dos ingressos, também sendo um fator de inacessibilidade para muitos. A TV a cabo por sua vez também tem seus fatores de inacessibilidade, como o valor da mensalidade e a necessidade de cabeamento e antenas próprias. Entretanto, ainda assim, se mensurados, o grau de alcance de uma TV a cabo supera e muito os de uma peça de teatro. Contudo, não será tema dessa discussão adentrar em números e valores exatos que produzam uma fiel radiografia acerca desses alcances.

O que é de interesse de ser analisado é como que a ida para a TV pode ter provocado mudanças no que diz respeito ao público do ator e, conseqüentemente, na relação artista-público. No entendimento do Paulo, ele não distingue com exatidão qual das duas atividades, teatro ou TV, que pesaram mais na questão do aumento de seu público e de sua fama. Para ele, ambos atuaram ao mesmo tempo e se retroalimentaram. Prosseguindo nas análises do ator, ele acha que o programa “220 Volts”, através do alcance da TV, projetou a sua imagem para um público muito maior do que à peça conseguiria através das apresentações de teatro. Entretanto, quando estreou, ele já tinha um lastro de cinco anos em cartaz, com uma peça de muito sucesso e que já tinha viajado por muitas cidades Brasil afora. Não era alguém vindo do nada. Para, além disso, Paulo em nenhum momento deixou de fazer a peça, pelo contrário, continuou em cartaz, cada vez viajando por mais cidades e, gradativamente, em lugares maiores. Porém, uma ressalva importante é que, a partir do programa “220 Volts”, “Dona Hermínia” não mais se apresentou somente nos palcos, passando também a se apresentar na TV. A personagem era um dos esquetes mais importantes do programa, tendo feito parte do seriado desde a primeira temporada. Ao contrário de outros tipos, que foram criados ao longo das demais temporadas e que por vezes intercalavam a sua aparição entre um episódio e outro. Desta forma, podemos analisar que de fato um sucesso foi impulsionando o outro e a constante exposição da imagem pública do ator, tanto pelo teatro quanto pela TV, foi expandindo cada vez mais o seu público e lhe trazendo um aumento significativo de visibilidade e fama.

A partir deste momento tratarei das discussões e análises sócioantropológicas acerca do entendimento do que é fama, como ela se constrói e como se dá a relação entre Paulo Gustavo e seus fãs. Para estas análises, utilizarei como referência fundamental o trabalho da antropóloga Maria Claudia Coelho (1999) sobre a experiência da fama, onde ela trata dessas discussões tanto sob a ótica do ídolo quanto do fã.

A autora começa a discussão por entender que a fama é uma versão moderna da construção do renome, associada aos conceitos mais “nobres” de honra e glória, é a construção da identidade através da interação com o olhar do outro. A fama tem como um

dos seus elementos constitutivos a ideia do fator “sorte”, alimentando dessa forma um sentimento de que qualquer pessoa pode ter e, ao mesmo tempo, se não tiver, não foi por falta de talento ou empenho e sim pela falta de “sorte”. Não é raro escutarmos discursos antagônicos acerca dessa compreensão. Há pessoas famosas que relatam que “tiveram sorte”, desta forma transmitindo certa humildade em relação à compreensão da própria trajetória. Outras que dizem que “correram atrás da própria sorte” ou que “fizeram a sorte acontecer”, neste caso transmitindo um sentimento meritocrático em relação a si mesmo. O que a autora analisa é que o elemento “sorte” é o ingrediente fundamental do *star system*, estimulando os sonhos de todos e que faz a roda da indústria cultural girar. O desejo de singularizar-se diante da massa é a oposição chave e inextricável da fama. Contudo, alguns poucos são os eleitos e é através da fama e do anonimato, extremos opostos indissociáveis, que a indústria cultural se sustenta.

Do anônimo ao ídolo, a fama nos enreda a todos; fascinados pela celebridade, criamos-na com essa admiração. O fenômeno da fama é paradoxal na sua natureza, exigindo o anonimato de muitos para permitir o estrelato de um. O desejo pela fama, nas suas mais diversas manifestações, tem um mote constante: a individualidade (COELHO, 1999, p. 37).

Espaço produtor dos mitos contemporâneos, a indústria cultural desempenha um duplo papel quando o assunto é fama. Por um lado, a comunicação de massa é condição de possibilidade do fenômeno “fama” em sua configuração moderna; mas, por outro, faz da fama um de seus temas prediletos. É como se, ao mesmo tempo em que permite a existência da fama, a indústria cultural fornecesse um “manual” para compreendê-la, uma chave para a sua interpretação (COELHO, 1999, p. 39).

Desta forma, a indústria cultural opera como uma produtora de modelos para a conduta privada e, conjuntamente, fornece o manual de interpretação. O tema da fama e da relação fã-ídolo é explorado constantemente em filmes e em programas e séries de TV.

Ao se projetar através de um programa de TV, Paulo Gustavo redimensionou a sua fama, a relação dele com ela e a dos fãs com o artista. Como já vimos, o alcance de público que a TV proporciona é muito superior a de uma peça de teatro e, além disso, há uma diferença substantiva no que diz respeito aos espectadores de cada vertente. No teatro há uma relação direta entre público e artista, já na TV é a imagem do ator projetada num

televisor. O televisor como mediador desta relação, que tem como paradoxo adentrar as casas das pessoas, no seio da intimidade do indivíduo, e, ao mesmo tempo, ser acintosamente distante, não permitindo nenhum cruzamento de olhares e nem de percepções mais subjetivas por parte de quem assiste, é o grande responsável pela mitificação do artista. A tela de TV [cinema idem] é a exacerbação da bolha dos poucos que foram eleitos como “pessoas muito especiais” e que tem a barreira física, ao contrário do teatro, como seu símbolo maior.

No teatro o público está diante do ator e do personagem. Diante do mesmo corpo que comporta o sujeito psicológico [a ideia do “eu” mais íntimo, existente no âmbito privado], a personagem que desempenha [no caso, “Dona Hermínia”] e a imagem pública, que transcende os papéis sociais do cotidiano. Por mais intrincadas que estejam estas facetas, principalmente para a plateia que assiste, há, ainda assim, por parte dela, a possibilidade de dissociar, mesmo que remotamente, os diferentes desempenhos e subjetivar a observação. Isso pode acontecer numa “falha” que o ator cometa no palco, como esquecer o texto, tropeçar, cair algo do cenário ou algo do tipo. Ou ao final do espetáculo, quando o ator encerra a peça, recebe os aplausos, agradece a plateia e por vezes tira a peruca da personagem. Estes são exemplos de oportunidades de observação subjetiva que a plateia de teatro tem diante de si e que, inclusive, ela acompanha os processos de mudanças de desempenho, sem cortes nem edições. Como vimos mais atrás, Goffman (1985) aponta que o observador sempre levará vantagem na interação física, por mais calculada que seja a intenção e desempenho do ator. Já na TV isso não é possível. O espectador não está na presença física do artista [inclusive não participando da interação e assim não fazendo parte da definição da situação] e o que assiste é uma imagem “única”, o resultado de todas as facetas mencionadas e que é de difícil dissociação para quem está assistindo de casa. A mesma imagem, o mesmo ângulo, o mesmo tratamento é visto por milhões de pessoas. A tela sendo o único filtro e campo de perspectiva para a observação, potencializando a mitificação do artista.

A partir do redimensionamento da fama do artista, advindo da projeção do Paulo na TV e que, como consequência multiplicou não só o seu público, mas como também a forma de percepção pelo artista, o ator inevitavelmente também redimensiona a sua relação com a fama. Coelho recorre a Goffman para discutir sobre a construção do indivíduo, que é feita sempre a partir do social, especificamente de processos de interação. Para Goffman, autopercepção de si não é algo inato e nem “orgânico”, mas sim algo construído a partir da percepção que os outros fazem de você e que você acha que fazem de você, conjuntamente

com o “ser psicológico” [termo utilizado por Marcel Mauss e que é de minha escolha emprega-lo aqui], que seria a parte mais íntima e privada do indivíduo. Esta interação social, Goffman chama de “efeito dramático”, de origem difusa e que é resultado das diversas representações sociais dos atores-sociais. Completando, o autor também ressalva que essas facetas estão sempre interagindo entre si, concomitantemente as interações sociais do indivíduo na vida, na sociedade. Ou seja, a autopercepção de si não é algo estanque, esta constantemente sujeita a alterações e mudanças de acordo com o desenrolar da trajetória do indivíduo (GOFFMAN, 1975 *apud* COELHO, 1999, p.126). Coelho traz para essa discussão outro autor também importante para este tema, Herbert Mead, quando faz referência ao “outro generalizado”.

Existimos para os outros, e nessa interação, passamos a existir para nós mesmos. Nossa autoimagem é então fruto também da interação social, desse jogo de representações; nossa concepção de quem somos é o resultado de nossa percepção daquilo que somos (ou julgamos ser) para os outros (1962 *apud* COELHO, 1999, p. 126-127).

Ao aparecer cada vez mais na televisão e ter sua imagem reproduzida por tudo que é canto, esse processo acaba por interferir na autopercepção do ator de si. A autora utiliza a expressão “sala de espelhos” para uma discussão aprofundada sobre a localização do “ídolo”, do “famoso” dentro da comunicação de massa, que é estar sempre no centro das atenções, de ser constantemente o objeto de observação e, ao contrário disso, ser ele incapaz de também observar. Coelho discorre sobre a questão do “olhar”, o poder e o efeito que o olhar tem para e nas interações sociais. É através do olhar, do cruzamento de olhares, que os indivíduos obtêm reciprocidade e se percebem. Ao ver e ser visto o indivíduo sai da condição de anônimo e se destaca dos demais. O cruzamento de olhares faz parte do processo de singularização do sujeito e que é próprio do indivíduo moderno, então fazendo parte das interações humanas e sociais. As relações humanas, sendo intrinsecamente assimétricas, onde há sempre um desequilíbrio nas trocas e nas percepções uns com os outros, encontra no fenômeno da fama a dramatização paroxística dessa interação.

Como vimos anteriormente, a indústria cultural alimenta a ideia de que “todos podem ser famosos”, sendo este o paradoxo inextricável de sua natureza, que exige o anonimato de muitos para permitir o estrelado de alguns poucos. Este paradoxo é análogo

ao da ideologia da ordem burguesa, que incentiva a ideia de que a ascensão social é possível a todos, sendo que sua lógica seletiva reitera a imobilidade social a que a maioria está submetida. É desta forma, acintosamente assimétrica, que a relação ídolo-fã se constitui e precisa ser constantemente alimentada, isto porque a indústria cultural tem nela um dos seus eixos principais. É nutrindo o desejo de singularizar-se, que faz parte do entendimento moderno do conceito de indivíduo, que a indústria cultural massifica a comunicação: “*A indústria cultural fala para todos como se falasse para um*” (1999, p. 102, 62-63, grifo do autor).

Paulo Gustavo, na condição de famoso, é o centro das observações constantemente, tanto através de sua imagem na TV quanto em lugares públicos, aonde quer que vá. Ser incessantemente o centro dos olhares, o impede de ser observador. O que cabe enfatizar aqui é a condição assimétrica na qual o ator constantemente se encontra em relação ao entorno, dando ênfase aqueles que assumem o papel de fãs. Paulo já comentou algumas vezes comigo e com amigos mais próximos que constantemente se vê nesse tipo de situação, onde acaba “ficando de Mickey” ou “ficando de Xuxa” e por isso acaba por evitá-las. A expressão que ele utiliza ilustra bem o sentimento do ator enquanto “sujeito psicológico” em relação a sua imagem pública diante do entorno. Ao se comparar a símbolos máximos da idolatria da indústria cultural, mundial e nacional, o ator revela o desconforto que sente em ficar numa condição de excessivo assédio por parte dos fãs e que, segundo ele, não lhe permite ficar relaxado e espontâneo.

Esse conjunto de ideias acerca da articulação entre poder e olhar permite perceber com maior clareza as características da relação ídolo-fã. Mediada em um primeiro momento pela televisão, a relação opõe aquele que vê (o fã) àquele que é visto (o ídolo). Tal assimetria, contudo, longe de se desfazer, uma vez afastada a mediação da máquina, é recuperada na atitude do ídolo que, insistentemente olhado, recusa-se a permitir o cruzamento de olhares. Ao esforçar-se por não ver o olhar daquele que o vê, o ídolo afasta dessa forma qualquer chance de reciprocidade na relação (COELHO, 199, p. 110).

A recusa em retribuir o olhar do fã é intencional. É a recusa de estabelecer um vínculo e continuar a manter a assimetria da relação. O fã ao buscar o olhar do ídolo, procura nesse instante de fusão, singularizar-se através desse ato de reciprocidade, de reconhecimento com alguém “especial”. Enquanto que o ídolo, em contrapartida, nega

esta fusão na intenção de “resguardar sua condição de indivíduo singular, propiciada pela experiência da fama” (199, p. 102). Da mesma forma que também faz parte das suas intenções proteger o seu “ser psicológico”, sua faceta mais íntima e privada.

As discussões sobre a relação fã-ídolo terão continuidade no capítulo que se sucede. Para melhor desenvolvê-las, tomarei como material de análise os e-mails que o ator recebe dos seus fãs, através do endereço eletrônico de sua assessoria de imprensa que, no caso, sou eu quem os recebe. O intuito destas análises é de tentar entender a condição de ídolo e fã e suas respectivas perspectivas na experiência da fama.



### **CAPÍTULO 3: E-MAILS DOS FÃS – A CONDIÇÃO DE ÍDOLO E FÃ SOB UM MESMO FENÔMENO**

Até o final da década de 1990, o meio pelo qual o fã se correspondia com o artista, o ídolo, era através de cartas. Estas eram postadas nos Correios e endereçadas às caixas postais das empresas (TVs e rádios) onde o artista trabalhava e/ou era contratado. Da mesma forma que, aqueles que conseguiam obter mais informação, endereçavam para a própria casa do artista. Com o advento da internet, as cartas caíram em desuso. Mas se o meio das cartas caiu em desuso, o mesmo não aconteceu com o desejo do fã em querer manifestar os seus sentimentos de admiração e adoração pelo seu ídolo. A internet trouxe como substituta das cartas os e-mails, que tem a “mesma” função das cartas, no sentido de corresponder-se com o outro, sendo que de forma eletrônica e quase que instantânea.

Outras formas de se comunicar e se corresponder também surgiram com o fenômeno da internet, sendo elas as redes sociais.<sup>34</sup> Nos tempos atuais, estes espaços virtuais de sociabilidade fazem parte da vida de quase todas as pessoas dos grandes centros urbanos e mesmo fora deles. A vida moderna hoje está atrelada as redes, sendo difícil para os sujeitos sociais ativos ficarem totalmente de fora desse convívio. A forma de interagir e se relacionar com as redes sociais e com os indivíduos que dela fazem parte, distingue-se de pessoa para pessoa. No entanto, em algum grau, praticamente todos acabam por serem enredados por esta forma de relação. Em se tratando dos artistas, muitos fazem uso dessas plataformas para se comunicar com o público e fãs. Nesses espaços os artistas encontram as condições para se expressarem, divulgarem seus trabalhos e principalmente alimentarem a relação ídolo-fã.

Todavia, feito esse preambulo acerca da internet e as novas formas de interação da vida moderna advindas dela, é importante assinalar que não é o propósito deste trabalho discutir e adentrar na complexidade que envolve esses fenômenos. Há uma gama de importantes pesquisadores que estudam esse tema e que sem dúvida devem ser trazidos à discussão num próximo trabalho que tenha como propósito se aprofundar nos efeitos e modificações que estas novas formas de interação provocaram nas relações humanas e sociais.

---

<sup>34</sup> Rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações. A interação social ocorre em espaços sociais virtuais, onde os indivíduos compartilham valores, experiências e objetivos comuns. São exemplos de rede sociais o Facebook, o Instagram e o Twitter. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_social](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social)>. Acesso em: 27 nov. 2018.

No presente capítulo, trabalharei o conteúdo dos e-mails enviados aos cuidados do ator Paulo Gustavo. A intenção é de fazer uma análise sócioantropológica em cima de alguns destes conteúdos para melhor compreender a relação do ator, na condição de ídolo, com os seus fãs e vice-versa. Para trabalhar esse material e discutir os elementos que envolvem essa relação, utilizarei novamente a pesquisa da antropóloga Maria Claudia Coelho (1999), sobre o estudo que realizou sobre a experiência da fama a partir de cartas de fãs que foram endereçadas a artistas famosos.

A autora começa por problematizar o termo “corresponder-se” com o ídolo, que implica na ideia de resposta, de reciprocidade. Esta correspondência é negada pelo ídolo, o que frustra muitos fãs. Nas entrevistas que Coelho fez para a sua pesquisa, os artistas famosos alegavam, substancialmente, a falta de tempo para responder a uma avalanche de cartas que recebiam. Em contrapartida, a ideia de contratar uma secretária para este serviço também não lhes era uma solução, pois seria um investimento caro e que ainda assim não “corresponderiam” as expectativas dos fãs, uma vez que não seriam as próprias respostas dos artistas. Alguns também alegaram que era por motivos psicológicos, pois, segundo estes, ler incessantes cartas de adulação, de admiração e mesmo de declarações de amor vindas de pessoas desconhecidas era algo de certa forma estranho, sob o ponto de vista do “ser psicológico”.

Coelho pode averiguar, contudo, que as cartas dos fãs são, em sua essência, idênticas. No esforço de singularizar-se, o fã iguala-se. A Expressão “fã número um” é o símbolo dessa intenção, de tentar se destacar, mas que acaba por se padronizar. Declarações do tipo, “acompanho tudo o que vocês faz”, “você para mim é o maior artista do Brasil”, “um exemplo” ou “sei que para você essa parece ser só mais uma carta, mas você me faria muito feliz se arranjasse um tempinho para me responder”. Estas são algumas das frases que preenchem o conteúdo das cartas. Do ponto de vista do ídolo, essas cartas e declarações não têm como serem respondidas na mesma simetria. Não há correspondência para tais declarações de afeto além de um sentimento de carinho, mas que não chega a mobilizar uma ação. O ídolo é o centro das atenções e das admirações de milhares, enquanto que os fãs são para ele pessoas desconhecidas. Mesmo havendo o sentimento de gratidão, de carinho pelo reconhecimento de seu trabalho e de sua pessoa enquanto imagem pública, ainda assim, continuam a serem pessoas desconhecidas, com as quais o ídolo não tem relação pessoal. Tal impossibilidade de “correspondência”, “sintetiza a relação que se estabelece nessas cartas, e que por sua vez dramatiza a característica

essencial da relação fã-ídolo: uma assimetria entre a condição de ídolo e a condição do fã no plano da individualidade” (COELHO, 1999, p. 53).

Tendo como base de reflexão teórica o trabalho desenvolvido pela antropóloga, tomarei como material de minhas análises os e-mails dos fãs enviados ao ator Paulo Gustavo. O meu interesse por esses e-mails surgiu aos poucos. Quando comecei a trabalhar como sua assessora de imprensa, automaticamente fiquei responsável pelos e-mails enviados ao endereço eletrônico da assessoria de imprensa. O propósito de existir um e-mail de assessoria de imprensa é de fazer a interface entre o ator e a os veículos de comunicação de um modo geral, genericamente chamados de imprensa. Minha função é administrar as solicitações e demandas pelo ator, como pedidos de entrevistas, convites para participar de programas de televisão e rádio ou coisa que o valha. Não é função da assessoria de imprensa acertar trabalhos do ator, como fechar turnês dos espetáculos e contratos com a TV. Isso é de responsabilidade de seu produtor e de seu agente.

Todavia, sendo esse e-mail destinado a questões estritamente de trabalho, muitos fãs que tomam conhecimento dele também o utilizam para tentarem algum tipo de contato com o ator. Foi desempenhando essa função que passei a ter conhecimento desse conteúdo e que, dentre muitas mensagens, algumas começaram a me chamar a atenção. O ator recebe inúmeros e-mails contendo declarações de admiração e de carinho, similares aos conteúdos das cartas analisadas por Coelho. Admito inclusive que, diante do volume de mensagens, ao começar a ler estes e-mails e verificando que o mesmo conteúdo se repete, nem termino de lê-los. Entretanto, ao meu olhar, alguns começaram a se destacar por conta de um conteúdo singular contido neles: relatos de problemas de ordem pessoal cuja superação deles é atribuída ao ator Paulo Gustavo.

Não obstante, ainda que me chamassem a atenção, não foi de imediato que vi neles um objeto de pesquisa. Conforme já relatei, comecei minha faculdade de Ciências Sociais na UFF quase que ao mesmo tempo em que comecei a trabalhar como assessora do Paulo, no início de 2015. Sendo assim, meu olhar ainda não estava devidamente “sensível” e “treinado” para identificar a riqueza desse material, encarando-o de início como algo inusitado e que me despertou certa curiosidade. O processo de mudar o meu olhar para este material se deu no caminhar do meu curso na UFF. Conforme ia me aprofundando nos estudos das disciplinas, meu olhar ia desnaturalizando muitos acontecimentos ao meu entorno. Em paralelo a esse processo de estranhamento, era necessário que eu começasse a pensar num objeto de pesquisa para a monografia de final de curso. Em minhas reflexões, estudar o ator Paulo Gustavo começou a ser uma possibilidade, entretanto, pelo fato de

sermos amigos e de eu trabalhar para ele, me causava certa insegurança em relação a não ter o devido distanciamento. Esta preocupação me gerou discussões internas e também externas, o que me levou a dividir, ocasionalmente, com alguns professores e principalmente com minha mãe, antropóloga e professora da UFF, acerca do problema.

Através dessas trocas, obtive como retorno que a proximidade com o objeto de pesquisa não se configurava como um empecilho de pesquisa. Muitos cientistas sociais, antropólogos e sociólogos acabam por estudar o seu entorno. Como um dos exemplos, temos o clássico “Outsiders” de Howard Becker (2008).<sup>35</sup> Sendo o cientista social também pianista profissional de *jazz*, o autor produziu um importante estudo sobre a carreira de músicos de *jazz* em casas noturnas, a partir da discussão sobre o comportamento de atores sociais definidos como “desviantes”. Cabe ao pesquisador nessas circunstâncias, se imbuir da tarefa de levantar novos problemas acerca do que lhe é familiar e que, nem sempre, o distanciamento permite. Como Velho (1978) apontou em seu trabalho sobre este assunto [“Observando o Familiar”], a partir de uma concepção filosófica de Hegel: o que é familiar não necessariamente é conhecido.

A partir de um melhor entendimento em relação a essas questões, o meu exercício seguinte foi por definir o que exatamente estudar sobre o ator Paulo Gustavo. Como aprendemos desde o início da faculdade, principalmente quando a abordagem é de cunho antropológico, temos de fazer um recorte muito preciso sobre o que pretendemos estudar. Os fenômenos invariavelmente são muito complexos e permitem muitas diferentes abordagens<sup>36</sup>, querer abarcar tudo de uma só vez, inevitavelmente resultará num trabalho de pouca substância. Este é um exercício contínuo a se fazer e no qual me considero dando os primeiros passos.

Trocando com minha companheira sobre pontos que me chamavam a atenção no ator, como a trajetória do artista, o fenômeno da fama que culminava nos mencionados e-mails, a personagem “Dona Hermínia” dentre outros, ela opinou de pronto que os e-mails eram o que eu tinha de mais precioso. Algo muito singular e que somente eu, e o próprio

---

<sup>35</sup> Em “Outsiders”, Howard Becker faz uma análise profunda e crítica das abordagens sobre o que se chamava “delinquência” e outras formas de transgressão, que definiam tais comportamentos como um produto de personalidades falhas ou uma fatalidade produzida por determinadas situações sociais. Becker se contrapôs a essas abordagens compreendendo-as como uma forma de desvio social, que seria resultante de um processo de rotulação que envolve não só o comportamento dos atores definidos como desviantes, mas como também aqueles que formulam as regras sociais e suas sanções, bem como os designados para fazê-las cumprir.

<sup>36</sup> Esta inclusive é uma das grandes riquezas das ciências humanas, a possibilidade de produzir os mais diferentes estudos acerca de um mesmo fenômeno. Nas humanidades, não há assunto que se dê por saturado. Há sempre novos olhares e abordagens possíveis.

Paulo, tínhamos acesso. Concordei imediatamente com ela. Entendendo que é necessário ter o espírito de oportunidade bem aguçado, enxerguei que as outras abordagens também eram [e são] muito interessantes e que certamente rendem bons trabalhos de pesquisa, contudo, eu tinha nas mãos um material que nenhuma outra pessoa tem acesso, a menos que eu ou o próprio Paulo cedêssemos. Em paralelo as minhas reflexões de âmbito interno, era necessário que eu discutisse essas questões com um professor orientador, que até então não tinha. Foi quando através de sugestões e indicações, procurei o Professor Felipe Berocan Veiga para apresentar minhas ideias de pesquisa e perguntá-lo se aceitaria ser meu orientador. O Professor Felipe gentilmente aceitou o meu convite e diante do que expus, confirmou que a ideia de trabalhar as cartas dos fãs [e-mails] era uma abordagem muito interessante a se fazer. Na ocasião, discutimos outras possibilidades também interessantes e na quais eu também teria uma perspectiva singular para explorar, como por exemplo, acompanhar a turnê de espetáculos do ator e me aprofundar nas questões que envolvem a interação presencial do ator com os fãs, ator no palco e o desempenho do ator nos bastidores. Todavia, avaliei junto a ele que sem dúvida essa seria uma abordagem muito interessante, porém, para um futuro trabalho, devido ao tempo e a logística de vida que isso requereria. Sendo assim, tendo um rico e singular material em mãos, a melhor decisão era por aproveitá-lo e começar as minhas investigações.

Antes de entrar propriamente nos e-mails, é necessário antes fazer uma última e importante observação. Conforme relatei, não foi de imediato que percebi que tinha em mãos o meu material de pesquisa. Até chegar a definição dele, houve um intervalo de tempo. Como recebia muitos e-mails de fãs, sendo a maioria deles nos moldes analisados por Coelho, eu acabei por apagar muitos desses e-mails. Recapitulando, não havia necessidade concreta de apagar esses e-mails, uma vez que a caixa postal da assessoria de imprensa comporta milhares de mensagens. Mas como na época, no início do meu trabalho com o Paulo, ainda não imaginava que futuramente trabalharia com este material, apagava muitos desses e-mails simplesmente por uma questão de organização, para não “perder” os e-mails de trabalho no meio de tantos e-mails de fãs. Isto é algo do que me culpo até hoje. Uma lástima.

Dada à situação, levei a questão para o Professor Felipe. Após conversamos um pouco sobre o problema e como lidar com ele, a posição do orientador foi de justamente encarar esse fato como um problema de campo. Não fingir que não aconteceu, ao contrário disso, expor o corrido e o porquê de ter ocorrido. Em nossa conversa, talvez no intuito de me tranquilizar e não me deixar perder um precioso tempo com algo irreversível, o

Professor Felipe me lembrou de que este tipo de situação é muito mais comum do que supomos. Problemas com o material de campo é algo que quase todo o pesquisador passa ao menos uma vez na vida. Importantes cientistas sociais, inclusive, já fizeram desse assunto tema de seus trabalhos. Há relatos de antropólogos que perdem o seu caderno de campo, de computadores que de repente quebram e o pesquisador perde toda ou parte de sua pesquisa e mesmo de situações ainda mais drásticas, que é quando o principal interlocutor do campo de pesquisa morre de uma hora para outra.

Nessas circunstâncias o cientista social não precisa e não deve descartar por completo o uso do material que um dia já teve em mãos. O recurso da memória para recuperar parte desse material é algo que deve ser utilizado. Num primeiro momento, minha inexperiência me levou a pensar que eu não mais poderia fazer referência a um material que não mais existia, no sentido de não poder comprová-lo. No entanto, o que o Professor Felipe me fez entender é que ele continuava existindo, mesmo sem mais tê-lo nas mãos. A memória não só é uma ferramenta possível, mas como é de grande valor científico, principalmente em se tratando de assuntos que demandam a análise de fatos narrados e/ou ocorridos num espaço e tempo passados. A prova documental nem sempre, ou quase nunca, é suficiente para compreender os fenômenos sócioantropológicos. Neste presente trabalho eu mesma tive que recuperar alguns episódios vividos por Paulo, e dos quais fui testemunha, para trazer a tona questões importantes que mereciam ser discutidas.

Com relação aos e-mails que foram por mim apagados, o orientador me lembrou de que a prova que eu os tinha bem guardados na memória era de justamente citá-los e explicá-los desde nossas primeiras conversas. Inclusive, fez um adendo de que mesmo quando eu não sabia que iria estudar esse material, a ideia de estudá-lo já estava em processo, uma vez que sempre mencionava e compartilhava com pessoas próximas estes conteúdos. O que tanto me chamava à atenção já apontava para um interesse de pesquisa.

Feito todas as explicações acerca do meu material de pesquisa e de como cheguei até ele, a partir de agora trabalharei-los de fato. Muitos e-mails eu os tenho guardados e quando necessário colocarei trechos deles para melhor ilustrar a discussão que se sucederá. Outros dois e que considero relevantes, farei uso do recurso da memória.

A singularidade dos conteúdos que me chamaram a atenção é o fato de alguns fãs imputarem ao artista Paulo Gustavo o feito de terem conseguido superar problemas pessoais, familiares e mesmo de doenças sérias. A atribuição que estes fãs colocam no Paulo se deve principalmente ao que o trabalho do artista promove e provoca na vida deles. Indo além do trabalho produzido pelo ator, muitos deles também fazem referência à

imagem pública que o artista tem para eles, sendo ele “uma pessoa do bem”, “família”, “bem-humorado”, “engraçado”, “talentoso” e outros tantos adjetivos equivalentes. Muitos dos e-mails começam pedindo que a mensagem chegue até o ator, como, “não sei se essa mensagem vai chegar até você, mas gostaria muito que lesse”, “não sei se você receberá este e-mail, mas não custa tentar” ou “venho por meio desse e-mail tentar chegar até você ‘querido’”. Outros tantos começam como se já estivessem falando com ele diretamente, como, “Boa noite, Paulo Gustavo, gostaria de contar algo muito bacana que aconteceu comigo”, “Paulo Gustavo... Para muitos um Grande Humorista. Para mim, o Melhor de Todos!” ou também “Querida, Dona Hermínia. Gênio, Paulo Gustavo”.

Feita a abordagem inicial, em seguida seguem-se os relatos de histórias pessoais, de dificuldades vividas e cuja superação delas é atribuída ao Paulo. Vale ressaltar que as dificuldades eleitas para serem aqui analisadas dizem respeito a experiências de vida, questões de âmbito emocional, psicológico e clínico. Não serão tratados outros tipos de dificuldades e que também são relatadas ao ator, como problemas financeiros e pedidos de empréstimos e nem ajudas em questões de cunho amoroso, como “ajudar a pedir a namorada em casamento porque ela é muito sua fã” ou coisa que o valha.

Os dois primeiros e-mails que me chamaram a atenção são justamente os que foram apagados e que aqui farei um relato de memória. Os dois eram de jovens rapazes e que, em síntese, relatavam problemas de ordem familiar. O primeiro deles dizia respeito a brigas familiares, onde mãe e tias tinham parado de se falar e que, por conta dessa situação, a família não mais se reunia. No e-mail o rapaz contava que depois de assistir com sua mãe o filme “Minha Mãe É Uma Peça”, a situação familiar mudou. Sua mãe tinha adorado o filme e se identificado com o jeito da personagem “Dona Hermínia”, que brigava com a irmã, tia e filhos, mas que no final das contas todo mundo se amava e acabava se entendendo. A partir do filme, segundo o relato do rapaz, mãe e tias tinham voltado a se falar e a família voltado a se reunir. O relato terminava com muitos agradecimentos ao ator por ele ter resolvido a dissensão familiar do rapaz.

O segundo e-mail relatando imbróglis familiares era também de um rapaz, cuja questão, até então, era de que sua mãe não aceitava a sua homossexualidade. Analogamente ao que aconteceu no primeiro caso, o rapaz relatava que depois de sua mãe ter assistido o filme “Minha Mãe É Uma Peça”, a relação deles mudou e para muito melhor. A descrição no e-mail era que através da “Dona Hermínia”, que descobre que seu filho “Juliano” é gay e encara a situação com muito amor e bom-humor, a mãe dele tinha repensado a sua conduta e passado a enxergá-lo de outro jeito. Aceitou sua orientação

sexual e a relação dos dois mudou substancialmente. Todo o processo relatado pelo rapaz e, principalmente, o desfecho dele, era atribuído no e-mail ao ator Paulo Gustavo.

Nesses dois casos, como em inúmeros outros que recebo, podemos analisar o papel que a personagem “Dona Hermínia” teve, tal como de sua constelação familiar, na vida dessas pessoas. Interessante pensarmos nas discussões levantadas no primeiro capítulo sobre a categoria esposa-mãe em nossa sociedade. A personagem de “Minha Mãe É Uma Peça” encontra ressonância em muitas famílias brasileiras e mais do que isso, através desse material, pode-se pensar o papel de influência que vem exercendo em muitos lares. Como discutido anteriormente, mesmo havendo uma gama de particularidades nos seios familiares, a categoria esposa-mãe encontra-se representada em “Dona Hermínia” e não à toa, é um fenômeno. A personagem já foi a estrela do comercial de uma grande rede de supermercados do país [“Supermercados Mundial”], da rede de eletrodomésticos “Casas Bahia” e é há dois anos [desde 2017] a “garota propaganda” do “Banco do Brasil”, o maior banco do país e um dos maiores da América Latina. Estes acontecimentos não só comprovam a aderência da personagem com o público, mas como são emblemáticos do ponto de vista da representação de “Dona Hermínia” em nossa sociedade. Muitos são os e-mails que falam sobre essa representatividade, como o e-mail da Dra. D.:

Você retratou e extraiu a essência de uma verdadeira mãe, eu praticamente me identifiquei em vários momentos do filme, tenho uma filha de 20 anos (Barbara) e uma tia (Isaura) que amo de paixão e em vários momentos eu fiquei com um nó na garganta (emocionadíssima), com imensa vontade de chorar.

A Dona Hermínia, é o retrato da verdadeira mãe, você está de parabéns, pelo seu talento único, sua essência genuína e por conseguir levar seu público ao riso fácil e ao choro de muitas mães que se identificaram com a famosa dona Hermínia.

Parabéns!!

Os próximos conteúdos de e-mails que irei analisar se referem essencialmente a um mesmo tema, a superação de estados de depressão. Este assunto me chamou a atenção pela profusão de relatos dessa ordem que são enviados ao ator. A diferença entre eles se refere



ao grau do problema pelo qual a pessoa passou, ou relatou. Há casos de pessoas que estavam se sentindo tristes, desanimadas com a vida e a partir do momento que “conheceram” Paulo Gustavo, tudo mudou. Há outras situações descritas de pessoas que não queriam sair de casa, não se relacionavam mais e que, também, a partir dos trabalhos do Paulo voltaram a sorrir, voltaram a ter vontade de sair e interagir. Os casos que julgo serem os mais delicados são os relatos de pessoas que superaram, ou que tiveram uma substancial mudança de quadro, de doenças complicadas do ponto de vista clínico de tratamento. São casos de anorexia e bulimia, ajuda na recuperação de paciente esquizofrênico e mesmo o da cura de um câncer. Todos esses relatos conferem ao Paulo o “poder da cura”. Através da alegria, das risadas e gargalhadas contagiantes de seus personagens, Paulo levou vida a essas pessoas.

Por motivos éticos preservarei os nomes das pessoas e as identificarei somente com as respectivas iniciais deles. Exceto em um caso, o da cura do câncer, cuja autorização me foi dada. Em relação aos trechos dos e-mails, os colocarei fielmente conforme recebi, fazendo apenas os ajustes de fonte e tamanho para que se adequem a formatação do trabalho.

A fã M. B. escreveu para o ator em 11 de junho de 2017. Em seu relato, conta que viveu momentos difíceis, que a levaram a uma depressão, mas que através do programa de TV do ator, ela vinha conseguindo sair desse estado:

O motivo deste e-mail é para te agradecer por momentos de risada genuína que acumuladas, me ajudaram a superar momentos difíceis e que vieram todos de uma única vez.

Eu não tinha vontade de rir, de me encontrar com as pessoas e em alguns dias, sequer vontade de sair de casa, em decorrência de uma depressão causada pelo fim do relacionamento, falta de dinheiro e trabalho e solidão.

A única coisa que tinha era o Now<sup>37</sup> em que eu podia ver todos os episódios do 220V<sup>38</sup> e sinceramente foi o que me ajudou de verdade a sair daquela sensação de abandono que estava sofrendo.

A sua alegria, sagacidade e humor me ajudaram e me ajudam a me sentir viva e embora pareça exagerado, de fato não o é, porque quando não estamos

---

<sup>37</sup> NOW é um serviço de Video On Demand que disponibiliza conteúdos gratuitos e conteúdos para locação para que os clientes das TVs por assinatura possam assistir quando e onde deseja. Os conteúdos variam entre séries, filmes, programas de TV dentre outros, em acordo com o pacote de assinatura do cliente.

<sup>38</sup> Programa de TV do ator Paulo Gustavo no canal Multishow.

bem, conseguir rir e se envolver com o enredo e com os personagens, é capaz de nos tirar da sensação de fraqueza.

Por isso, Paulo Gustavo, quero te agradecer de forma sincera por ter me ajudado a ir superando diariamente a depressão por meio do humor.

Muito obrigada e um grande abraço!!!

Outra fã, L. C., relatou em 01 de fevereiro de 2017 que tem síndrome do pânico e que não consegue entrar em sala de cinema. Quando o filme “Minha Mãe É Uma Peça 2” foi lançado, em dezembro de 2016, ela conseguiu ir até o shopping, mas não conseguiu entrar no cinema. Conta que chegou a pagar ingresso para que alguém fosse assistir e depois lhe contar, como fez com seu sobrinho. Segundo ela, ficava ansiosa esperando e toda a vez que seu sobrinho lhe contava ela ria e gargalhava como se estivesse assistindo o filme. Ela conclui o seu relato agradecendo ao ator: “Você foi à única pessoa capaz de me fazer voltar a sorrir e sentir vontade de sair de casa.... Deus te abençoe filho!!!”.

O fã M. J. contou em seu e-mail que graças ao Paulo e ao seu filme “Minha Mãe É Uma Peça” ele se encontrava bem e não mais precisava fazer terapia. Escreveu que era muito ansioso, “quase depressivo”, e termina dizendo que o filme mostra que o mundo é para as pessoas que se amam.

Estes são alguns relatos de pessoas que se encontravam no estado de depressão e que através do humor, do riso e da leveza provocados por Paulo, elas começaram um processo de mudança, de melhora, de enxergar a vida de forma menos pesada. É interessante notar que nestes relatos não há nenhum pedido, nem mesmo de uma resposta. Estas pessoas quiseram, substancialmente, relatar as suas mudanças e conquistas pessoais e agradecer ao Paulo por ter sido ele o propulsor delas. Por mais que possamos elucubrar que subliminarmente poderia haver alguma intenção de resposta, é possível perceber que este não era o principal desejo delas. Tanto pelo fato de inúmeros e-mails chegarem com solicitações concretas dessa ordem [e que não era o caso destes], como também pela forma como essas mensagens são encerradas: “Obrigada por tudo”, “Que Deus lhe abençoe”, “Eu só tenho a te agradecer” e outros desfechos similares. Uma fã que é mãe, G. R., ao mandar um relato de agradecimento pelo filme “Minha Mãe É Uma Peça”, escreveu:

Vc é demais! Parabéns! Que DEUS continue te abençoando muito. Sei que não é fácil ser assim, mas vc é uma pessoa escolhida por DEUS a dedo pra

trazer felicidades às pessoas às famílias. Continue assim, lindo, humilde, de coração puro, hiper mega humano.

Os relatos seguintes se enquadram na categoria dos que analisei como os mais delicados, devido ao estado não só emocional e psicológico da pessoa, mas como também ao estado clínico na qual ela se encontrava.

A fã L. A. mandou um e-mail no dia 30 de dezembro de 2016 para contar um acontecimento importante que tinha ocorrido com ela e sua mãe naquele mesmo dia. Ela escreveu que sua mãe, durante muito tempo, teve depressão e problemas de esquizofrenia, o que fez com que ela tivesse uma vida reclusa, sem ir a lugares públicos ou lugares com muitas pessoas, principalmente se fosse estranhas. No início do referido ano [2016], L. contou que conseguiu convencer a mãe de iniciar o tratamento das duas doenças, com medicamentos específicos para cada uma delas. Segundo o relato, a mãe começou a apresentar uma melhora significativa no quadro, mas ainda assim se mantinha resistente em ir a lugares públicos. Contudo, e este era o motivo do e-mail, o filme “Minha Mãe É Uma Peça” tinha acabado de estrear e como a mãe era muito fã do ator, as duas acabaram por ir juntas assistir o filme:

E hoje tive a imensa alegria de estar ao lado dela no cinema, depois de MUITOS anos, para assistir seu filme "Minha mãe é uma peça 2".

Muito, muito, muito obrigada por existir, por nunca ter desistido do sonho de ser ator. Você é ótimo! O filme está perfeito! Você é muito abençoado! E que em 2017 Deus te abençoe ainda mais!

Mais uma vez é possível verificar que transmitir a alegria pela superação de um quadro delicado e que já perdurava alguns anos era a principal intenção da mensagem. Para estas pessoas é importante dividir com aquele que, segundo elas, teve um papel importante para o êxito destes processos. Penso na célebre frase do filme baseado em fatos reais “Na Natureza Selvagem” [Into The Wild]: “A felicidade só é real quando compartilhada”. O sentido dessa frase abre margem para vários tipos de interpretação e ao contrário do que muitos compreendem, “Alex Supertremp” não estava se referindo, ou melhor, se restringindo ao compartilhamento da felicidade somente com o outro, a relações humanas. Alex se referia a natureza, a novos caminhos, a qualquer coisa que possamos experimentar. Para Alex a felicidade está em todas as possibilidades que estão à nossa volta e

compartilhá-las é experimentar, é vivê-las. Uma possibilidade de interpretação da célebre frase e que sintetiza bem o sentimento incutido nesses relatos é que a felicidade mais sincera é quando ela transborda.

O penúltimo relato que vou analisar se trata de uma adolescente, L. R., à época com dezesseis anos. O e-mail foi escrito em 06 de março de 2016 e ela conta que teve uma depressão em 2012, quando tinha catorze anos e que se seguiu de um quadro de anorexia e bulimia, que acabou se estendendo por dois anos e meio. Ela descreve que devia muito de sua recuperação ao Paulo, pois algumas noites eram terríveis para dormir e ela ficava horas no YouTube vendo os seus vídeos. Prossegue seu relato contando que quando estreou o programa “Vai Que Cola”,<sup>39</sup> ela via todos os dias e ria tanto que “nem se lembrava de seguir as dietas malucas que fazia”. Segundo L. depois dela ficar muito mal de saúde – física e mental – e “das doses de bem-estar que sentia assistindo o programa”, ela resolveu ter coragem e procurar ajuda. Na data do e-mail, ela dizia que naquele momento se encontrava em recuperação, voltando ao seu peso e “desconstruindo pensamentos negativos”. Por fim, termina o e-mail dizendo que resolveu criar um projeto onde pudesse ajudar outras pessoas com os mesmos problemas:

Então eu resolvi criar um projeto, onde eu poderia ajudar no dia a dia, pessoas que tem anorexia e bulimia.

Chama-se “Combate a Ana e Mia” @combate.ana.mia (ana é um apelido para anorexia, e mia apelido para bulimia) por enquanto é um projeto só nas redes sociais, mas no futuro pretendo fazer nutrição e abrir um clínica de reabilitação de graça para as garotas e garotos que passam por isso.

Esse ano faço 1 ano sem anorexia então, esse email é só uma forma singela de agradecimento, e de mostrar o quanto o riso pode mudar a vida de uma pessoa.

Paulo Gustavo é sem dúvida hoje um dos maiores humoristas do país. Mesmo aqueles que possam não gostar de seu trabalho, não podem ignorá-lo. Paulo é um

---

<sup>39</sup> “Vai Que Cola” é um *sitcom* produzido e exibido pelo canal a cabo Multishow. O programa estreou em 2013 com sucesso absoluto, ficando em primeiro lugar de audiência na TV a cabo. O programa se passa numa pensão, a “Pensão da Dona Jô”, situada no bairro do Méier. Paulo Gustavo era a grande estrela do programa, interpretando o personagem “Valdomiro Lacerda”, um “trambiqueiro” da zona sul que depois de se meter numa falcatura, perdeu tudo e foi se esconder no bairro do Méier. O elenco foi sofrendo alterações ao longo dos anos e hoje Paulo Gustavo não faz mais parte do programa, tendo ele estreado outro programa na casa, “A Vila”. O elenco original de “Vai Que Cola” era formado por: Paulo Gustavo, Catarina Abdala, Samantha Schmütz, Marcus Majella, Cacau Protásio, Fernando Caruso, Emiliano D’Ávila, Silvio Guindane e Fiorella Mattheis.

fenômeno. Todos os seus programas se tornam líder de audiência. Seus dois filmes já fizeram ao todo quase quinze milhões de espectadores. O espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça” já ultrapassou os três milhões de espectadores, não há mais como ter números precisos. Hoje o ator só se apresenta em grandes espaços e seu público só faz crescer. O que podemos aqui analisar e apontar para futuras investigações é o poder que o riso exerce na vida das pessoas. O artista que é humorista muitas vezes não tem o devido reconhecimento de crítica, havendo certo desdém com essa categoria. Os críticos dão mais créditos aos artistas dramáticos, que montam clássicos do teatro e que fazem muitas vezes uma arte para poucos, para um público reduzido e *cult*. Se pensarmos bem, entre os críticos, até os artistas de novela, os chamados “galãs” acabam por ter um espaço mais diferenciado se comparado aos comediantes. No entanto, o que se verifica é que se os críticos enxergam a comédia e os humoristas por vezes como uma “arte menor”, o mesmo não acontece com o público, que é para quem o artista se apresenta de fato. É a plateia que possibilita e justifica a atividade do ator. Representar para alguém, nem que seja para um. Representar para muitos, nem que seja para milhares.

Há um tópico entre aqueles que se propõe a discutir arte, a entender de arte e a falar sobre arte, que é o poder transformador da arte. Esse “poder” inclusive seria uma das “régua” para medir o que é ou não é arte, afinal de contas, a definição de arte é algo muitíssimo complexo. A arte conceitual, por exemplo, tendo o iconoclasta Marcel Duchamp como um dos grandes símbolos dela, é algo que abre uma discussão infundável. A obra do artista mais emblemática, “A fonte”,<sup>40</sup> consiste num urinol que Duchamp simplesmente comprou numa loja de construção e pretendeu colocar numa exposição. A obra não foi aprovada pelo júri, contudo, ficou para sempre na história da arte contemporânea. O que pretendo levantar com essa breve discussão e que sem dúvida merece melhor aprofundamento em futuros trabalhos, é que, se arte tem como um dos seus princípios o poder de transformar o indivíduo, a vida das pessoas e mesmo de grupos e sociedades, o que devemos pensar sobre a arte produzida por Paulo Gustavo? Aqui está sendo apresentada uma amostra dos muitos e-mails enviados ao ator, de forma espontânea e sem pedidos embutidos, que, essencialmente, querem narrar às transformações ocorridas

---

<sup>40</sup> “Marcel Duchamp foi o responsável pelo conceito de *ready made*, que é o transporte de um elemento da vida cotidiana, a princípio não reconhecido como artístico, para o campo das artes. A princípio como uma brincadeira entre amigos, Duchamp passou a incorporar matéria de uso comum nas suas esculturas. Em vez de trabalhá-los artisticamente, ele simplesmente os considerava prontos e os exibia como obras de arte”. “A fonte” foi à obra que fez nome do artista iconoclasta repercutir ao redor mundo. “A fonte” consistia pura e simplesmente num urinol que o artista comprou numa loja de construção e levou para o júri da exposição da qual pretendia fazer parte. A obra foi rejeitada, pois o júri em sua avaliação, aferiu nenhum sinal labor artístico. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel\\_Duchamp](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_Duchamp)>. Acesso em: 29 nov. 2018.

em suas vidas a partir do contato com a arte do artista. Isso é transformador. Alguns críticos, talvez os mais pedantes, podem não ter a sensibilidade em saber valorar devidamente as transformações aqui narradas, talvez por serem provenientes de uma arte popular e não de um “*Tchekhov*”. Entretanto, elas são inegáveis, profundas e redimensionam o olhar do indivíduo pela vida.

Para tratar do último relato, reservei o depoimento que considerei o mais impactante, tanto pelo teor do relato quanto pelo o somatório de elementos que fizeram dele um acontecimento. Neste caso, utilizarei o nome da fã, pois sua mensagem rendeu importantes desdobramentos e por conta disso trocamos alguns e-mails. Pelo episódio ter sido emblemático para as discussões que aqui me proponho, pedi autorização a ela para utilizá-lo em meu trabalho, o que me foi gentilmente concedido.

Fabiana Souto escreveu um e-mail para o Paulo em 01 de setembro de 2017. Seu e-mail chegou de forma impactante, dizendo que o ator significava para ela “CURA”, escrita em caixa alta, passando a intensidade de seu sentimento:

Paulo maravilhoso!!!! Você pra mim significa CURA!!! Tive câncer de mama ano passado (aos 42 anos) e tive que fazer uma mastectomia bilateral. Foi muito difícil. Mas sabe qual foi minha terapia pra não entrar numa depressão? VOCÊ. Minha filha (fanzona sua) me mostrou seu instagram, programas no Multishow, Facebook... Enfim, tudo que tinha suas "loucuras". Era minha diversão diária. Obrigada por me ajudar tanto no pior período da minha vida. Estarei hoje à noite no teatro Guararapes de Recife e gostaria tanto, tanto, tanto de te abraçar!!! Queria muito te agradecer. Amo você viu?

Este e-mail chegou mais ou menos no meio da tarde e coincidentemente Paulo Gustavo me ligou logo em seguida, para falar que estava um pouco chateado com comentários maldosos, de teor homofóbico, que alguns internautas haviam feito sobre ele e o seu marido, Thales Bretas, numa matéria de internet. A matéria em questão, publicada em um portal da internet e sem o prévio conhecimento do ator, falava de uma viagem recente que Paulo tinha feito com Thales para as Ilhas Maldivas. Era uma publicação curta, no perfil “vida dos famosos”, ilustrada com fotos retiradas do *Instagram* do artista. O ponto é que no site da matéria, e não nas redes sociais do ator, onde nelas recebe sempre muito carinho e respeito, havia comentários que o deixaram triste, meio cabisbaixo. Trocando com ele sobre o ocorrido, sobre a questão dos “odiadores” [haters] anônimos que

navegam e povoam a internet e sobre uma onda conservadora que já se enunciava, comentei que ele não devia se abater com isso, que era algo muito ínfimo perto de tanto carinho, respeito e admiração que recebe. Como exemplo disso, li para ele o e-mail que eu tinha acabado de receber. Chamei a atenção de que aquele e-mail desintegrava, eliminava qualquer comentário odioso de anônimos em site de fofocas. Ele ficou muito sensibilizado com a mensagem e teve o impulso de pensar em fazer alguma coisa.

Paulo já estava em Recife, onde se apresentaria mais a noite com o espetáculo “Minha Mãe é Uma Peça”. Ele sugeriu de fazer uma surpresa para ela, mas para isso tínhamos que saber em qual sessão Fabiana iria assisti-lo, a primeira ou a segunda. Sendo assim, combinamos que eu retornaria o e-mail dela, mas sem dar a menor brecha de que tinha falado com ele, para não criar nenhuma expectativa. O objetivo era exclusivamente assuntar em qual sessão Fabiana iria. Respondi dizendo que sua mensagem era muito bonita, felicitei-a pelo seu processo de superação e recuperação e disse que não sabia se conseguiria falar com o Paulo, pois ele estava envolvido em outros compromissos, mas que transmitiria a sua mensagem. Por fim, perguntei em qual sessão ela iria. Não demorou e ela me respondeu:

Olá Beatriz

Nossa!!!! Nem acredito que alguém leu esse email!!! Muito feliz!!! Por favor passe para ele minha mensagem. Ele significa tanto pra mim!!! Tem que saber o quanto ajudou na minha recuperação. Quando descobri o câncer foi muito difícil... O mundo perde um pouco do sentido... pensava nos meus filhos se eu não me recuperasse... Mas Paulo Gustavo foi minha terapia... Eu me divertia tanto com as "doidices" dele. Ria demais...

**Vou assisti-lo aqui em Recife na sessão de hoje das 19 horas.** Sei que a agenda dele é muito lotada e os shows super corridos. SE FOR POSSÍVEL um abraço nele seria demais. Se não for possível eu entendo... Talvez se eu tivesse entrado em contato com mais antecedência... Mas me promete que você vai deixar ele saber o quanto ele me fez bem e o lugar especial que ele sempre terá em meu coração...

Aqui podemos perceber que mesmo a Fabiana estando pedindo para dar um “abraço nele”, esse pedido tem o propósito do agradecimento, da retribuição ao que o Paulo fez a

ela. Como se quisesse agradecer a um médico, ou a um curandeiro. No seu entendimento e na sua vida, Paulo exerceu o mesmo papel. No entanto, ainda se isso não fosse possível, ela ressalva que bastaria que o Paulo tomasse conhecimento do bem que a fez.

Com a informação do horário da sessão que Fabiana iria, transmiti ao Paulo e alinhamos a surpresa que ele faria. A ideia era, ao final do espetáculo e ainda no palco, falar sobre a mensagem que tinha recebido e finalmente dar um abraço em Fabiana. Naquela noite não mais troquei e-mails com ela e com o Paulo fiz somente um contato, no intervalo das sessões e por mensagem de celular, perguntando se tudo tinha dado certo. O que ele me respondeu que sim, que tinha sido muito bonito e emocionante. No dia seguinte, 02 de setembro, recebo um novo e-mail de Fabiana:

Minha querida Beatriz

Tenho q te chamar de "querida" mesmo pq o q vc fez por mim tem q lhe colocar na ala das pessoas queridas da minha vida...

A mensagem vai ser longa mas PF leia até o final... E MOSTRE A ELE!!!  
Kkk

O q vc e Paulo Gustavo me proporcionaram ontem eu nunca teria como agradecer. Vc chegou a ver a cena como foi? Mulher de Deus!!! Eu quase tive um troço!!! Sem nem me conhecer nem nunca ter falado comigo ele me homenageou, dedicou o show a mim, DESCEU DO PALCO E ME DEU UM ABRAÇO... mas não foi um abraço.., foi O ABRAÇO!!! Senti tanto amor, ternura, sensibilidade e o mais importante: a certeza de que eu estou bem mesmo. Às vezes Deus usa pessoas que nem nos conhece para chegar em nós. Aquele abraço tinha algo maior. Foi emocionante... nunca esquecerei. E acho q pra ele tb foi bom saber que me ajudou tanto nos piores dias de minha vida.

Algumas pessoas me perguntaram pq não tirei foto com ele. Simplesmente pq aquele momento não foi o "momento tiete" mas sim pq foi algo tão maior, tão lindo, de tanto amor e agradecimento meu para ele que nunca conseguiria pensar em nada além. Depois q tudo passou foi q eu pensei "poxa perdi a única chance de ter uma foto c Dona Hermínia..." kkkk... mas aí tb seria demais pedir p tirar foto c ele no show de hoje né?



Mas Acordei hoje com a sensação de missão cumprida... de saber q agora Paulo Gustavo pode contabilizar mais uma pessoa para a qual ele significa muito mais que um ator famoso. Pra mim, como já disse antes, ele significa CURA!!!! [...]

Por fim MUITO OBRIGADA A VOCÊ... MUITO OBRIGADA A PAULO GUSTAVO. Não sou somente a fã de Paulo Gustavo ator... sou PRINCIPALMENTE a admiradora da pessoa PAULO GUSTAVO. Por mais famosas que sejam nem todas as pessoas fariam o q ele fez: dá de presente um show só p mim.!!! LINDO.

O e-mail chegou com letras garrafais e com muitos agradecimentos. Fabiana fez um relato extenso, reiterando tudo o que o ator significava para ela. Editei algumas partes pelo tamanho do e-mail. Disse que não esperava por aquilo, que foi de fato uma grande surpresa e que nem se lembrou de fazer uma foto com o ator. Por sorte, seu marido e que a acompanhava, conseguiu fazer um vídeo do celular e registrou o momento. Ao responder a ela, para agradecer as palavras tão carinhosas, pedi a ela que me enviasse o vídeo. Ela me mandou e eu o tenho arquivado.

Conversando com o Paulo sobre esses sentimentos que os fãs depositam nele, perguntei a ele como ele se sentia em relação a tudo isso, como ele elaborava essa profusão de carinho, de gratidão e mesmo esse poder de “curar” os outros. Foi quando ele me deu um depoimento muito sensível, inclusive ficando com os olhos marejados ao contar um episódio de um senhor que nunca tinha ido ao teatro. Ele disse que sem dúvida há histórias que chegam ao seu conhecimento e que lhe tocam de forma particular. Como exemplo, ele citou alguns casos que o mobilizaram, de forma emocional e concreta. Um deles foi de uma menina, que tinha doze anos e o sonho dela era encontrar e conhecer o ator. A menina estava com câncer, segundo Paulo, em fase quase terminal e foi assistir ao espetáculo do ator. Ele ficou muito tocado ao saber disso e naquele dia, após o espetáculo, foi conhecê-la, lhe deu um abraço e assim realizou o sonho da menina. Em suas palavras, era um gesto tão simples e que significava tanto para uma pessoa, que ele se sentiu fazendo um bem para um ser humano e concluiu: “Eu fico super feliz de transformar as pessoas”. Outro episódio que também o marcou foi de um menino, de quinze anos, que era autista e que sua mãe o levou para assistir à sua peça. Após o espetáculo, a mãe pediu para a produção para ir até o camarim do ator e estando com ele, contou chorando que o filho dela era autista e foi

assistindo à peça que a mãe o viu rindo pela primeira vez. A mãe relatou ao Paulo que nos quinze anos de vida de seu filho ela nunca tinha o visto rir e a surpresa dela foi tanta, que ela tomou um susto e desabou a chorar na plateia. Paulo conta que ao ver a mãe tão emocionada, ele se emocionou também. O último exemplo que me contou foi de um senhor, de quase oitenta anos, que foi assistir ao seu espetáculo e no final, encontrando com o ator, contou que se emocionou e chorou. Paulo relata que o senhor, ainda emocionado, disse que nunca tinha ido ao teatro, aquela era a sua primeira vez e que logo na primeira vez que foi ao teatro ele viu a sua mãe. Relembrando esse episódio, Paulo fica com os olhos marejados. O senhor lhe disse que a mãe que o Paulo representava no palco era muito parecida com a mãe dele. Esse certamente foi um momento único e muito especial para o senhor e que também acabou por ser para o próprio Paulo.

Não obstante, após me relatar todos esses episódios que o marcaram e o emocionou, Paulo me fez uma elaboração muito interessante de como lida com todos esses sentimentos e emoções. Segundo ele, no dia a dia é necessário fazer certa blindagem, “a gente se blinda, a gente bota uma capa”, e desenvolve:

Porque se eu for escutar todos os problemas, de todo mundo, todos os dias, imagina como é que ia ser a minha cabeça. Eu fico muito dividido entre absorver os problemas dos outros e escrever comédia. Eu sou uma pessoa que vivo da comédia. Imagina só o meu dilema: eu ter que ouvir muita coisa triste e ter que escrever muita coisa alegre. Então, que parte do meu cérebro recebe muitas notícias tristes, que parte do meu cérebro se dedica a escrever coisas incríveis e alegres para essas pessoas tristes, para ouvir coisa triste de novo? Você entendeu? Então acaba que no meu dia a dia, para isso não interferir no meu humor, porque é claro que interfere, a gente é ser humano, eu me blindo. Então tem muita coisa que eu escuto e tento escutar neutro. Agora há casos que não tem jeito, chegam até mim e eu fico triste, fico emocionado e isso é também é muito legal. É bom sentir tudo isso também. É muito legal saber que eu trabalho com uma coisa que cura as pessoas. Isso é incrível <sup>41</sup>

Em relação especificamente ao “poder de cura” atribuído a ele, o ator fez outro depoimento bem interessante:

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida pelo ator em novembro de 2018.

Eu fico pensando, eu tô aqui na terra, a gente tem alguma missão. Qual que é a minha? Eu acho incrível a minha missão. Eu fico pensando: será que essa é a minha missão então? É ser comédia, é fazer o povo morrer de rir, é curar as pessoas? Porque esse remédio que eu levo para essas pessoas, são remédios que nenhum médico pode receitar. Esse tipo de cura é uma cura que nem o melhor médico do planeta pode levar para esse paciente. É uma cura diferenciada. É uma cura que só eu posso levar. Eu acho incrível isso.<sup>42</sup>

Com relação às análises dos e-mails dos fãs, o caso de Fabiana foi eleito como o mais emblemático por conta dos desdobramentos que tiveram, podendo dessa forma, melhor ilustrar os sentimentos que envolvem a relação de muitos fãs com o ator. Paulo Gustavo tem um público realmente muito abrangente, indo de crianças, adolescentes e jovens, até adultos e idosos, sem distinção de gênero, de credo ou de ideologias políticas. Sendo ele um ator assumidamente gay, casado e que já externou publicamente que quer ser pai e construir uma família, é notável a ressonância que o artista e o seu trabalho têm em se tratando de Brasil. O “não preconceito” do brasileiro está muito mais no imaginário do senso comum, que replica sem problematizar, do que de fato se pode aferir em nossas estruturas sociais. No entanto, em se tratando do ator, o que se verifica é que o seu público não considera a sua condição de homossexual assumido como a mais relevante do artista, elas ficam num segundo, terceiro plano. Por mais que o Brasil seja uma sociedade conservadora, machista e também misógina, o Paulo não fere os valores morais dela e nem de seu público. Tanto não que já foi e é “garoto propaganda” de grandes empresas e instituições nacionais, como “Casas Bahia” e “Banco do Brasil”. Estas companhias não jogam para perder, havendo qualquer risco de rejeição por parte do público consumidor, simplesmente não contratam e muito menos renovam seus contratos. Quanto ao público, é inegável o seu fenômeno popular, não sendo ele um artista restrito ao segmento *cult*.

A “multidão” que o acompanha, que consome o seu trabalho e que entra em contato para mandar suas mensagens, é a prova de que, em relação a ele, não há restrições pelo fato dele ser gay, ser casado e coisa que o valha. Como um último exemplo disso, a fã Fabiana Souto, que depois de todo o ocorrido nos adicionamos no Facebook, é eleitora de Bolsonaro. Mesmo sem ter feito grandes “militâncias” em sua rede, ela, contudo, manifestou a sua preferência em seu perfil. Não cabe me alongar e nem me aprofundar na complexidade que envolveu essas últimas eleições [2018]. Qualquer frase ou definição

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida em novembro de 2018.

aqui será por demais simplistas. Apenas nos serve como um exemplo do quão o seu público é abrangente, heterogêneo, diversificado. Bolsonaro é um político que já proferiu publicamente inúmeras falas e pensamentos preconceituosos, de cunho racista, misógino e homofóbico. Todavia, Fabiana é sua eleitora e tem no artista Paulo Gustavo uma de suas grandes referências. Não há problema quanto a isso. Este é um ponto interessante para ser mais bem esmiuçado num futuro trabalho, encontrando talvez no gênero comédia e, especificamente no tipo de comédia do ator, a “chave” do canal de conexão das complexidades apontadas.

Em minhas análises, esta é uma interpretação possível para a abrangência tão grande de público do ator, que se deve ao trabalho de comediante que ele desempenha, especificamente ao tipo de comédia que ele faz [escreve e atua]. Em paralelo a isso, considerar também a sua conduta enquanto pessoa pública. O trabalho produzido pelo ator vem num invólucro de uma comédia leve, bonachona, que fala das relações familiares e humanas e que satiriza questões do cotidiano. Esses assuntos contemplam a todos. Seu humor não é calcado em piadas preconceituosas, que busca o riso “fácil” em cima daqueles que já são marginalizados socialmente. Da mesma forma que o artista também não assume posturas políticas de forma literal, deixando elas para o subtexto. Daí a leitura de seus fãs de ser “uma pessoa do bem”, “escolhido por Deus para trazer felicidade às pessoas”, “de coração humilde” e expressões equivalentes. No entanto e que considero de fina sabedoria, o ator trata de questões muito sérias, de vieses sociológicos e políticos, em seus trabalhos. Porém, sem ser de forma contundente e literal, o que poderia ser recebido como algo agressivo pelo público.

A relação familiar que Paulo propõe com “Minha Mãe É Uma Peça” é um dos exemplos. A mãe representada por Paulo, que briga com os filhos, mas que também os protege, que intervém na vida deles, que implica com o jeito de um e de outro, que “fala mal” da atual mulher do marido, que se mete nas questões do condomínio, enfim, um azougue. É a mulher-mãe sensível que vai descobrir que seu filho é gay e não só vai aceitá-lo do jeito que é como vai dar todo o amor e os melhores conselhos que puder. Isso se passa no seio de uma família “comum”, classe média, sem grandes intelectualizações sobre o tema e com todas as particularidades e dificuldades financeira, emocional e intelectual da “tradicional família brasileira”. A mensagem é passada de forma leve, sem ser panfletária e desta forma, consegue, ou tem mais chances, de ser absorvida.

Existem mais personagens do Paulo que também funcionam dessa forma, alguns numa tonalidade mais forte, como a “Senhora dos Absurdos”, que como o próprio nome

sugere, fala barbaridades acerca de minorias étnicas, LGBTIQ e sociais. Outros mais “brincalhões”, como o “Playboy”, que satiriza o tipo “pegador de mulher-jiujiteiro-sem nada na cabeça”, e “Maria Alice”, uma apresentadora de TV de programas vespertinos, que vende produtos ou esdrúxulos ou banais a preços exorbitantes. Transitando entre uma palheta de cores, todos os personagens acabam por passar mensagens de cunho sociológico e/ou político, uns subliminarmente, outros no subtexto e alguns de forma mais evidente. O que a minha interpretação e análises sugerem é que isto é feito sem agressividade, sem querer chocar e marcar de pronto uma posição, um território. A mensagem é transmitida num invólucro de muito bom-humor, leveza e perspicácia, que leva o público à reflexão, a uma autoanálise e que muitas vezes culmina no ato de rir de si mesmo. O público se reconhece, se autoexamina, por vezes ri de si mesmo e como resultado, provoca mudanças de comportamento, como pudemos analisar nos e-mails enviados ao artista.

O perfil de comédia do ator tem consonância com o perfil do artista enquanto “ser psicológico” e imagem pública. Penso que todos esses “compartimentos” se retroalimentam e o resultado é o produto de uma equação. Porém, os fatores dessa equação não são estáticos, imutáveis, eles estão em constante movimento conforme o andar da carreira do artista e de sua vida privada e, indissociavelmente com o seu grau de percepção e reflexão acerca desses processos. O que percebo, como sua amiga de longa data, sua assessora de imprensa e agora como cientista social que se propõe a estudá-lo, é que a forma que ele escolheu para fazer a sua comédia e também passar a sua mensagem, está em sintonia com a forma que ele pensa e conduz a sua vida no âmbito privado e que acaba por resvalar em sua imagem pública. A sua comédia transparecesse verdade porque é reflexo do jeito de ser e de pensar do ator.

Recordo-me de Paulo comentar alguma coisa comigo, sobre algum personagem ou programa, que ele achava que eu não tinha achado muita graça em algumas coisas, porque eu estava “careca” de vê-lo fazer aquilo, da vida toda. Primeiro que eu sempre acho graça. Ele tem um jeito e trejeitos que sempre surpreende e desarma a pessoa, é algo dele, nele. Mas o que me interessa trazer do comentário do Paulo para as discussões de agora, é que o humor que ele faz e leva para a TV é o humor que ele faz e leva na vida. A sua arte é o reflexo dele na vida. A leveza, a graça e a piada que tanto cativa o seu público, está na mesma comunicação que ele faz a sua crítica, propõe uma reflexão e dá o seu recado. Não é “só leveza” que ele propõe, existe também uma intenção de tensão. Pelos assuntos que mexe, pela forma que mexe e as reflexões que propõe.

O jeito de pensar e levar a vida e que se reflete na forma como enxerga e faz a sua arte, pode ser exemplificada através de um acontecimento importante de sua própria vida. Paulo nunca fez o perfil planfetário em sua vida privada e nem nas suas relações pessoais. A questão de sua orientação sexual, por exemplo, ele nunca “impôs” aos pais ou brigou com eles por conta disso, mesmo tendo ele passado, num primeiro momento, por um período de desconforto e mesmo de não entendimento por parte dos pais em relação a ele. Já tivemos conversas sobre isso e ele sempre colocou que não era desse jeito que ele queria que o processo se desse. Não era através da imposição, era através do entendimento, de fazer com que eles fossem enxergando de forma “tranquila” e “natural”. Paulo tinha a compressão de que seus pais não lhe amavam menos, mas que também precisavam de seu tempo para elaborarem a questão. Entretanto e que é muito interessante, em paralelo a toda essa sabedoria e paciência de saber esperar que as coisas se reconfigurassem, Paulo era um dos mais autênticos e mais assumidos do grupo. Tinha seus namorados e paqueras, se vestia de roxo e pintava o cabelo de verde [na época tinha cabelo], usava coturnos e *piercing*. Sendo divertido e alegre no jeito se ser, passava sua mensagem na sua conduta, em como conduzia a própria vida. Ou seja, ele não deixou de viver e levar a vida conforme queria e acreditava [mensagem], contudo, não achou necessário levantar grandes discussões, brigas e imposições com os seus pais [“leveza”]. Passado um tempo, todos entenderam, absorveram e acolheram sua orientação sexual como algo tranquilo, inclusive entendendo como um elemento importante de tudo aquilo que constitui Paulo Gustavo.

Este episódio de sua vida particular diz muito sobre a sua forma de fazer humor e passar sua mensagem. Paulo não faz uma arte panfletária, evidente e literal porque não é assim que conduz sua própria vida, mas mais do que isso, não é assim que ele entende que vá provocar as reflexões e mudanças nas pessoas. Em nossas conversas ele acha que cada um, cada artista tem um jeito de se manifestar, se posicionar e fazer a sua arte. O seu jeito o no qual ele acredita é através do humor que realiza. Que provoca reflexão através do riso. Paulo conclui sua reflexão acerca desse assunto dizendo que se posiciona e faz política através de sua arte.

Estas avaliações me levam a refletir sobre o trabalho de Coelho. Em sua pesquisa, a antropóloga trabalhou cartas de fãs enviadas para artistas famosos da Rede Globo. Como observação importante, a pesquisa da autora foi feita em meados dos anos de 1990. Nessa época, a Rede Globo tinha um poder de alcance e influência muito superior ao que tem hoje. Nos tempos atuais, temos a internet com os seus canais próprios de programas e vídeos, temos a TV a cabo com um leque imenso de canais e também plataformas como

“Netflix” e a “Amazon”, que são provedoras globais de filmes e séries de TV via *streaming*.<sup>43</sup> Isso serve para contextualizar que, tanto a Rede Globo como os artistas e profissionais que nela trabalhavam, tinham um poder de projeção e influência incomparável ao que tem hoje. “A Globo” era o centro das atenções, o centro do entretenimento nacional. A nossa *Hollywood* brasileira. Os artistas pesquisados por Coelho e as cartas recebidas por eles, eram de grandes nomes da época, estrelas de telenovelas. Mesmo os jovens iniciantes por ela entrevistados, já faziam parte de grandes produções e automaticamente já tinham sido alçados à fama, tanto que nas entrevistas falavam de situações de “perseguições de fãs em shopping centers” e coisa do tipo. Pelo teor das entrevistas e das cartas analisadas, muitos eram “mocinhas” e “galãs” daqueles tempos e estampavam as capas de revistas e jornais.

Estas diferenças de espaço-tempo entre o trabalho de Coelho e as análises aqui propostas, servem para fazer notar o conteúdo próprio e divergente entre as cartas trabalhadas pela antropóloga e os e-mails recebidos por Paulo. As cartas dos atores globais, invariavelmente vinham com expressões de idolatria, de êxtase, de fascínio e muitas inclusive de cunho amoroso, com declarações açucaradas de sentimentos pelos artistas. Com o Paulo o que observamos é algo distinto. São expressões de sentimentos fraternos, afetuosos, sentimentos “de mãe” e em muitos deles, como aqui analisados, são sentimentos de gratidão pelo seu trabalho e “pedindo que continue assim”. Isso não quer dizer que o Paulo não tenha fãs que também se manifestem de forma mais ardorosa, afinal de contas ele é um fenômeno nacional. Todavia, sendo eu quem recebe os seus e-mails, é de significativa diferença o sentimento predominante expressado nas mensagens que o ator recebe e os relatos das cartas analisadas por Coelho. O ardor manifesto ao Paulo é mais observável nas interações presenciais que ele tem com o público pós-espetáculo. Um apontamento interessante e importante para um futuro trabalho é também observar as manifestações nas redes sociais do ator, em especial o *Instagram*, onde ele é mais ativo e recebe milhares de mensagens. Há uma diferença de forma e conteúdo entre o fã do artista que se manifesta em suas redes sociais e o fã que lhe manda um e-mail. Porém, a proposta deste trabalho foi de se ater aos e-mails aqui analisados.

A análise e a reflexão que faço em relação às diferenças contidas nos relatos analisados por Coelho e nos relatos analisados por mim se devem a todos esses fatores que

---

<sup>43</sup> Transmissão contínua, também conhecida como fluxo de mídia. É uma forma de distribuição digital, em oposição à descarga de dados. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo de multimídia através da internet.

procurei desenvolver ao longo desse trabalho. Em síntese, está na estrutura na qual Paulo Gustavo se construiu e hoje está inserido, que é ter se lançado e se tornado um fenômeno através da personagem “Dona Hermínia”, o que o levou a montar outros espetáculos e a estreitar um programa próprio, com os seus próprios personagens e num canal de TV a cabo, que por sua vez lhe trouxe mais público e base para fazer também os seus próprios filmes e que resultaram num dos maiores fenômenos do cinema nacional [O primeiro, 4,7 milhões de espectadores e o segundo 10 milhões de espectadores]. Isso tudo sendo construído gradativamente, de forma artesanal, traçando e trilhando a sua própria carreira. Nada foi de uma hora para outra, como muitas vezes acontece, de um ator “desconhecido” de repente estourar na “novela das oito” da TV Globo.

Como substrato de todo esse sucesso de alcance e ressonância de público, há o tipo de trabalho que o ator Paulo Gustavo desempenha e desenvolve. Uma comédia que se comunica com um público de A a Z, de forma leve, mas sem por isso deixar de tratar de questões complexas, que tangem as relações humanas e sociais. E essa forma de transmitir a mensagem, a forma na qual ele encontrou um meio de expressão, que é através do humor, das paródias e sátiras que faz de suas observações da vida e do cotidiano, só é possível porque é verdadeira. Porque diz respeito a como o ator enxerga, elabora e conduz a sua própria vida. Com leveza, graça e consciência.



## CONCLUSÃO

O intuito deste trabalho é tentar analisar o fenômeno de mídia Paulo Gustavo. Como recorte, elegi a relação ídolo-fã do artista com o seu público. Para esta empreitada, foi necessário fazer uma breve biografia do ator, pois o explicando como indivíduo e como se deu a sua trajetória artística, chegar-se-ia a uma melhor compreensão do por que se tornou um fenômeno.

A carreira do artista foi construída por caminhos muito particulares, de forma artesanal e de certa forma incomum. O seu grande e maior sucesso, a peça “Minha Mãe É Uma Peça” foi escrita por ele e inspirada em sua própria mãe, Dona Déa Lúcia. A peça estreou num pequeno teatro em Ipanema e em poucos meses já provocava fila na bilheteria, com ingressos se esgotando com semanas de antecedência. A repercussão do espetáculo foi aumentando paulatinamente, o levando a migrar para teatros cada vez maiores.

Através do sucesso do espetáculo, que só fazia crescer e sendo assim até hoje, o ator foi fazendo suas primeiras incursões na TV, em participações especiais em seriados de humor da TV Globo. A partir dessas primeiras experiências, o artista escreveu e estreou o seu próprio programa de TV, um seriado de humor, no canal de TV a cabo Multishow – “220 Volts”. A recepção do público foi tamanha que o programa, logo em sua estreia, ficou em primeiro lugar de audiência na programação dos canais fechados de televisão. O programa teve ao todo cinco temporadas e foi de grande importância para a projeção do artista no âmbito nacional, abrangendo e aumentando substancialmente o seu público. Neste programa Paulo criou diversos tipos e personagens que também são grandes sucessos seus, tendo inclusive montado um espetáculo homônimo, no qual levou vários deles para os palcos.

O espetáculo “Minha Mãe É Uma Peça” já excursionou muitas vezes pelo país, se apresentando em mais de trinta cidades do Brasil. A peça já foi vista por mais de três milhões de espectadores e é responsável por um dos maiores fenômenos de bilheteria do cinema nacional. Com o filme “Minha Mãe é Uma Peça 2”, Paulo Gustavo levou dez milhões de espectadores ao cinema.

Foi através de toda essa trajetória, que Paulo foi angariando cada vez mais público, atingindo todas as classes e faixas etárias, sem distinção de credo, gênero ou etnia.

O sucesso do Paulo se deve ao tipo de humor que o ator-comediante realiza. Um humor que fala da família brasileira, tendo como figura central a personagem “Dona

Hermínia”, que é uma representação da categoria esposa-mãe em nossa sociedade. Através de uma comédia “leve”, que se comunica com todos, Paulo Gustavo levanta importantes discussões acerca das relações humanas e sociais que dizem respeito à nossa cultura, à nossa sociedade. Este tipo de humor que o ator produz só é possível porque é reflexo da forma como Paulo enxerga e conduz a sua própria vida. O resultado desses dois fatores, que são o trabalho realizado pelo ator e o seu “ser psicológico”, é sintetizado na imagem pública do artista Paulo Gustavo.

A relação que o fã estabelece com o artista é feita com e através de seu trabalho e da imagem pública projetada por ele. Como resultado da percepção que o público de um modo geral tem do artista e de seu trabalho, observamos por parte dos fãs a manifestação de sentimentos fraternos, maternais e mesmo de uma espécie de “curandeiro”, como o que “leva” à cura a alguém necessitado. O riso e as gargalhadas que o ator promove através de seus trabalhos, são muitas vezes percebidos pelo público como se estivesse sendo feito por um “irmão” “amigo”, ou um “filho”. Ou seja, por alguém próximo, com quem temos muitas afinidades e que nos faz rir dos problemas da vida. Como retorno dessas pessoas, Paulo recebe muitas mensagens que lhe falam que é “uma pessoa do bem”, “como um filho” e “enviado de Deus”.

Entretanto, um sentimento ainda mais singular foi observado em um número significativo de mensagens que o ator recebe através dos e-mails endereçados a ele. Trata-se do sentimento de gratidão por Paulo ter “resolvido” e/ou promovido a “cura” de problemas de ordem pessoal dos fãs que lhe escreveram. Os relatos narrados e analisados neste trabalho se referem a problemas emocionais, psicológicos e clínicos pelos quais os fãs passaram e cuja superação deles foi atribuída ao Paulo e aos seus trabalhos. Na amostra eleita para este trabalho, os problemas narrados se referiam a problemas de relação familiar, depressões, anorexia, bulimia e mesmo a “cura” de um câncer. Todos estes problemas, segundo os autores dos relatos, foram superados, ou tiveram significativa melhora no quadro, por conta das risadas e gargalhadas promovidas pelo trabalho do ator. Em consonância ao seu trabalho, este poder de “cura” também se espalhava ao próprio Paulo Gustavo, enxergando na sua pessoa, a “essência” do que era realizado em sua arte.

Conclui com este estudo que a arte de Paulo Gustavo é transformadora. A referência que ele e seu trabalho são para muitas pessoas, exerce influência ao ponto de transformá-las, emocional, psicológica e clinicamente falando. Se pensarmos que a transformação de indivíduos promove transformações nos seus microcosmos, familiares e sociais, podemos pensar que a arte do artista promove transformações sociais.

Algumas questões não puderam ser bem desenvolvidas neste trabalho, outas, mesmo tendo sido discutidas, merecem um aprofundamento ainda maior por conta de sua magnitude. Entretanto, tendo em vista o formato e recorte desta pesquisa, terão de ficar para um futuro projeto. Contudo, é importante deixar alguns desses apontamentos aqui registrados.

A questão do humor e do riso como objeto de cura de doenças e de superação de problemas de ordem privada, sem dúvida, é um deles. Considero que neste trabalho eu já tenha feito algumas análises e reflexões, no entanto, este é um assunto tão rico impactante, inclusive invadido vários campos da ciência e pesquisa, que merece uma imersão ainda maior por conta de seu impacto transformador.

Outro assunto que pareceu ao longo do trabalho e que aponta para um viés interessante de pesquisa é a questão da *performatividade* realizada por Paulo através da personagem “Dona Hermínia”. O conceito de *performance* é um tema caro e complexo das ciências humanas, tendo a filósofa Judith Butler como uma das principais especialistas do assunto. Não foi possível adentrar neste tema devido à complexidade que ele demanda e que, dada à circunstância, levaria ou a uma abordagem rasteira e perigosa do ponto de vista acadêmico, ou a outro rumo na linha de pesquisa, o que não era o caso. Sendo assim, fica como apontamento para futuras pesquisas.

A questão das redes sociais é sem dúvida alguma é um ponto chave para aprofundar a relação ídolo-fã do ator, tendo no *Instagram* o canal e a produção de material mais robusta para averiguar essa relação. As redes sociais não só são importantes para analisar a relação concreta dos fãs do ator com o artista, mas como também são fundamentais para pensar nos desdobramentos que elas exercem em seus trabalhos e na questão da fama e condição de famoso do artista.

Acompanhar as turnês de espetáculos do ator é outra linha de pesquisa interessante a se fazer. Nesta situação muitos recortes são possíveis, como a questão de estrutura organizacional e que faz com que o espetáculo aconteça, tais como, equipe de produção, patrocínio, divulgação e todas as atividades relacionadas. Outro recorte é estudar o artista nos bastidores, seu camarim, seu preparo, sua interação com a equipe, o entrar e sair do palco e tudo o mais que diga respeito às entranhas dos espetáculos. Por último, a relação dele com o público. A interação face a face, seu desempenho com a plateia de fãs que lhe esperam ao término das apresentações. Este estudo pode propiciar uma análise mais fina sobre os *tipos* de fãs e seus respectivos comportamentos, o fã que interage com ele após o espetáculo, o fã das redes sociais e os fãs dos e-mails que recebe.

Ideias para estudar o Paulo Gustavo é o que não falta. Sendo ele indiscutivelmente um fenômeno, muitas e diferentes abordagens são possíveis. Neste trabalho fica o registro de um determinado recorte e que me serviu para melhor redimensionar o quão rico e potente o ator é para o campo de estudos das ciências sociais. Sendo Paulo Gustavo transformador através da arte, também pode ser através dos estudos que ele suscita:

*O principal impacto do **Paulo Gustavo** é que para ele não existe a divisão palco e plateia. O espaço cênico é ele e o espectador grudados, integrados, desdobrados, aqui, todo mundo junto. É uma força cênica avassaladora. É um artista independente, popular, afirmativo, abusado, amado. Galvaniza plateias de 10.000 espectadores com o arraso de seu talento.*

***Paulo Gustavo é um fenômeno a ser estudado.** (Fernanda Montenegro, março de 2015).*

Fernanda Montenegro tem toda a razão!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Luiz Tarlei de. Em Nome Da Mãe: Posição estrutural e disposições sociais que envolvem a categoria mãe na civilização mediterrânea e na sociedade brasileira. In: FRANCHETTO, Bruna; CALVALCANTI, Maria Laura V. C.; HEIBORN, Maria Luiza. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983. p. 109-145.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 231p.
- BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 431p.
- CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso (Orgs). **Vocabulário Bourdieu**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 398p.
- COELHO, Maria Claudia. **A experiência da fama**. 1. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999. 148p.
- GEERTZ, Clifford. **O Saber Local**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 366p.
- GOOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005, 233p.
- GOMES, Laura Graziela. **Novela e sociedade no Brasil**. Niterói: EdUFF, 1998, 137p.
- MATTA, Roberto Da. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23- 35.
- MEAD, George Herbert. **Mind, self and society**. Chicago, University of Chicago Press, 1962.
- SALIH, Sara. **Judith Butler: E a teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 235p.
- VELHO, Gilberto. Observando o Familiar, In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971. 530p.

### Fontes da Internet

Ponte Presidente Costa e Silva. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte\\_Rio%E2%80%93Niter%C3%B3i](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Rio%E2%80%93Niter%C3%B3i)>. Acesso em: 13 out. 2018.

Barcas Rio Niterói. Disponível em: <<http://www.grupoccr.com.br/barcas/linhas-horarios-tarifas>>. Acesso em: 13 out. 2018

Casa das Artes de Laranjeiras. Disponível em: <<http://www.cal.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Dados do IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/niteroi/panorama>>. Acesso em: 13 de out. 2018.

Contos de fadas do escritor francês Charles Perrault. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Gato\\_de\\_Botas](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Gato_de_Botas)>. Acesso em: 12 out. 2018.

Teatro o Tablado. Disponível em: <<http://otablado.com.br/production/o-gato-de-botas/>>. Acesso em: 12 out. de 2018.

Espetáculo Infraturas. Disponível: <<http://www.ofuxico.com.br/noticias-sobre-famosos/infraturas-estreia-na-cidade-maravilhosa/2005/10/06-10236.html>>. Acesso em: Acesso em 02 de nov. de 2018.

Bárbara Heliadora. Disponível: <<https://oglobo.globo.com/cultura/teatro/morre-critica-teatral-barbara-heliadora-aos-91-anos-15832475>>. Acesso em: 03 de nov. de 2018.

Prêmio Shell de Teatro. Disponível: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,premio-shell-de-teatro-divulga-indicados-do-rio,20060713p5360>>. Acesso em: 30 nov. de 2018.

Programa “220Volts”. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/220\\_Volts\\_\(s%C3%A9rie\\_de\\_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/220_Volts_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))> Acesso em: 24 nov. de 2018.

Conceito de rede social. Acesso em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede\\_social](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social)>. Acesso em: 27 de nov. 2018.

Artista Marcel Duchamp. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel\\_Duchamp](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_Duchamp)>. Acesso em: 29 de nov. 2018.